

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO — RELAÇÕES PÚBLICAS

JULIANA DA SILVA LEIRIA

“BATERIA ARREBENTA, TODO MUNDO COMENTA”: as relações entre a *casa* e a *rua*
no programa *Esquenta!*

Porto Alegre

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO — RELAÇÕES PÚBLICAS

JULIANA DA SILVA LEIRIA

“BATERIA ARREBENTA, TODO MUNDO COMENTA”: as relações entre a *casa* e a *rua*
no programa *Esquenta!*

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção parcial do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Miriam de Souza Rossini

Porto Alegre

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Leiria, Juliana da Silva
"BATERIA ARREBENTA, TODO MUNDO COMENTA": as
relações entre a casa e a rua no programa Esquenta! /
Juliana da Silva Leiria. -- 2014.
68 f.

Orientadora: Miriam de Souza Rossini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação
Social: Relações Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Comunicação. 2. Sociologia. 3. Televisão. 4.
Regina Casé. I. Rossini, Miriam de Souza, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, pela paciência e tempo disponibilizado. À amiga Carine, que me permitiu ser Carine todas as vezes que precisei. Ao amigo Elton, pela ajuda nos momentos difíceis. À todos que, de certa forma, me ajudaram a chegar até aqui.

RESUMO

O trabalho analisa o programa de TV *Esquenta!* – apresentado por Regina Casé, integrante do Núcleo Guel Arraes da Rede Globo. Parte-se da apropriação das categorias casa e rua, do antropólogo Roberto DaMatta, assim como das interações ocorridas entre elite e povo nesses espaços a partir do que é representado no programa. Também são identificados os recursos utilizados pela atração dentro da ideia de experimentação, na tentativa de produzir uma programação de qualidade, como a auto-referencialidade, a montagem expressiva, a apresentação do processo como produto e o apelo à inversão. Para tal, foi realizada uma análise audiovisual mesclada com uma análise sociológica, abrangendo os episódios de estreia das quatro temporadas da atração. Dessa maneira, foi possível verificar que o programa procura se aproximar das características da casa, se configurando como um espaço familiar, de diálogo, de valorização do indivíduo e de proximidade. Pôde-se, desse modo, inferir que o *Esquenta!* cria uma espécie de “pedaço” específico na televisão, em que elite e povo têm à sua disposição um espaço de interação.

Palavras-chave: *Esquenta!*, Regina Casé, Núcleo Guel Arraes, Padrão Globo de Qualidade, *casa e rua*, elite e povo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retirada da mesa para aproximar os convidados	43
Figura 2 - A evolução das roupas do programa: a partir da terceira temporada os figurinos ganham unidade de acordo com o tema	50
Figura 3 - Inovação no palco: "vinheta viva"	52
Figura 4 – Elite e povo interagindo e dividindo o mesmo espaço no programa	55
Figura 5 - Regina apresentando seu filho e todos reunidos na família <i>Esquenta!</i>	58
Figura 6 - O <i>Esquenta!</i> é um lugar de família	59
Figura 7 - Regina abraça Péricles para se sentir em casa	60
Figura 8 - Proximidade e afeto entre Regina e Lula	62
Figura 9 - Proximidade com a Presidente do Brasil	62
Figura 10 - A evolução no palco do programa: da mesa de bar ao sofá, do colorido saturado ao colorido tecnológico	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características das categorias a serem analisadas	39
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 <i>ESQUENTA!</i> : UMA TV DE QUALIDADE	11
2.1 TV: ENTRE O IBOPE E A QUALIDADE.....	11
2.2 A TV DE GRUPO: O NÚCLEO GUEL ARRAES	13
2.3 OS PROGRAMAS DA REGINA	16
2.4 O PROGRAMA <i>ESQUENTA!</i>	19
3 A SOCIEDADE BRASILEIRA: AS RELAÇÕES ENTRE A <i>CASA</i> E A <i>RUA</i>	25
3.1 A CASA E A RUA.....	25
3.2 O ESPAÇO.....	27
3.3 AS ELITES E O POVO.....	30
3.4 FAVELA, PERIFERIA, PEDAÇO	35
4 AS RELAÇÕES DA SOCIEDADE NO <i>ESQUENTA!</i> :.....	38
4.1 PROPOSTA METODOLÓGICA	38
4.2 DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS ANALISADOS	40
4.3 A <i>CASA</i> E A <i>RUA</i> NO PROGRAMA	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, mesmo as emissoras sendo concessões públicas, sempre foram regidas pelas leis do mercado. Isso faz com que as empresas tentem se destacar uma das outras, gerando concorrência.

No anos 70, a Rede Globo redefiniu sua grade a fim de se diferenciar das demais emissoras de TV. Defendendo o discurso da qualidade na televisão brasileira, criou o Padrão Globo de Qualidade, que moldou as estratégias da emissora por muitas décadas. Nesse sentido, reuniu esforços para a consecução dos seus objetivos.

Uma das estratégias adotadas consistiu na criação do que Ivana Fecchine (2008) chamou de “TV de grupo”, que deu origem ao Núcleo Guel Arraes, em 1991. Essa formação propiciou um espaço de experimentação audiovisual dentro da emissora. Entre os trabalhos de sucesso do grupo podemos destacar aqueles encabeçados pela apresentadora e atriz Regina Casé: *Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Muvuca* e *Central da Periferia*.

Atualmente, desde 2011, temos em exibição o programa *Esquenta!* como mais um produto do Núcleo, apresentado por Regina Casé, a qual também é integrante do grupo. A atração inova na sua proposta de aproximar “os mundos” da elite e do povo. Além disso, tem uma forte ligação com a periferia, pois traz para o palco várias personalidades da música brasileira, de estilos populares como o samba e o funk, sempre de uma maneira animada e despojada.

O programa também coloca lado a lado personalidades famosas e indivíduos anônimos, proporcionando, discussões sobre determinado tema a partir de diferentes perspectivas, na medida em que dá voz a pessoas que, em geral, têm pouco espaço na televisão. A ideia é ter um público bastante heterogêneo, sem distinção ou discriminação.

Desse modo, o programa procura se distanciar dos estereótipos e clichês das novelas e notícias policiais, que quase sempre mostram o povo em lugares vulgares. Também busca aproximar as pessoas, independentemente da sua origem ou classe social. Quanto às temáticas, o programa aborda questões que envolvem a cultura popular de maneira a valorizá-las; estimula o debate intelectual sobre assuntos pertinentes à sociedade, como educação, preconceito, violência contra a mulher, homofobia, etc.

Dessa maneira, Regina Casé, com o *Esquenta!*, acabou criando um espaço específico na televisão, que pode ser analisado a partir das relações entre *casa* e *rua* – categorias sociológicas propostas pelo antropólogo Roberto DaMatta (1997). Entendidas pelo autor

como “entidades morais”, essas categorias balizarão a análise com relação a essa produção do Núcleo Guel Arraes.

Além disso, para complementar a pesquisa, *casa* e *rua* serão relacionadas com seus atores sociais, a elite e o povo. Logo, será possível identificar como ocorrem as interações nesses espaços.

Assim, o presente trabalho visa a analisar o programa de TV *Esquenta!*, partindo da apropriação das categorias *casa* e *rua* e o modo como aparecem no programa, bem como compreender de que maneira os atores (elite e povo) são representados na atração. Também espera-se identificar os recursos utilizados pelo programa dentro da ideia de experimentação, conforme apontado por Fachine (2008), e entender de que forma o *Esquenta!* se encaixa no Padrão Globo de Qualidade.

A escolha de estudar o programa *Esquenta!* deve-se, em primeiro lugar, pela importância e a influência que a televisão exerce na sociedade. Mesmo com o advento de novas tecnologias, a TV continua se configurando como um importante e expressivo meio de comunicação de massa, tendo em vista que o acesso à televisão ainda é majoritário em relação à internet. Além disso, muito se debate sobre a qualidade na TV, porém pouco se diz sobre o que seria essa qualidade. Assim, se fez interessante selecionar uma produção do Núcleo Guel Arraes, que tem essa proposta inovadora.

No que se refere à importância do objeto de estudo, o programa *Esquenta!*, quando foi ao ar pela primeira vez, tinha a intenção de ser uma atração de verão. Contudo, devido ao sucesso de audiência, em 2013, passou a ter duração anual, conquistando um grande espaço na grade de programação da Rede Globo, ficando praticamente um ano inteiro no ar. Essa alteração no tempo de exibição do programa demonstra o quão bem os telespectadores têm recebido o programa – o que sinaliza a relevância da atração para o público.

Para atender aos objetivos desta monografia, lançaremos mão de autores que guardam relação com o tema tratado. Assim, no que diz respeito aos conceitos que se referem à televisão, abordaremos o texto *Núcleo Guel Arraes: formação, influências e contribuições para uma TV de qualidade no Brasil*, de Yvana Fachine (2008), em que a autora aponta as características recorrentes das produções do grupo.

Por sua vez, ao tratarmos das categorias sociológicas, adotaremos o livro *A casa & a rua – Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, de DaMatta (1997), em especial o tópico que versa sobre o espaço, tendo em vista a pertinência com o assunto sob exame.

A estrutura espacial referida por DaMatta funciona como uma grande metáfora para ajudar a entender o comportamento, as relações e as contradições da sociedade brasileira. Logo, é importante pensar como esses dois conceitos funcionam como esferas de atuação social, tendo em vista que o contraste entre eles é significativo – a casa é o espaço da compreensão, do diálogo e da individualidade, enquanto a rua seria o espaço da impessoalidade e do isolamento.

Sendo assim, partindo dos conceitos-chaves *casa* e *rua*, estudaremos as interações entre elite e povo nesses espaços. Tal assunto é abordado por Marilena Chauí, nas obras *Conformismo e resistência* (1986) e *Cultura e democracia* (1989).

No que diz respeito à proposta metodológica, além de uma pesquisa bibliográfica, realizaremos, uma análise audiovisual mesclada com uma análise sociológica. Dessa maneira, esperamos compreender as categorias relacionadas à organização da sociedade em um programa de TV, conforme apontamos nos objetivos do trabalho.

Assim, para atender a esses objetivos, foram analisadas, de forma geral, as quatro temporadas do programa *Esquenta!*, levando em consideração que a última ainda está em exibição. Ao total, foram assistidos a vinte episódios na íntegra, a fim de realizar o corte final para constituir o corpus da análise. A partir disso, foram selecionados quatro episódios para serem analisados, um de cada temporada, de maneira a abranger a trajetória do programa.

A monografia está organizada em três eixos. O primeiro deles trata das questões referentes à televisão, no que diz respeito ao Núcleo Guel Arraes, às produções do grupo relacionadas à Regina Casé, e ao próprio objeto de estudo – o programa *Esquenta!*.

O segundo eixo traz questões relacionadas à organização da sociedade. Aqui serão abordados os assuntos relacionados com os espaços sociais (casa e rua) e seus atores (elite e povo). A terceira parte do trabalho, por sua vez, detém-se a realizar a análise proposta. Esse eixo será subdividido em duas partes, em que na primeira serão descritos os episódios e na segunda será feita a análise propriamente dita.

Por fim, serão tecidas as considerações finais sobre a pesquisa.

2 *ESQUENTA!*: UMA TV DE QUALIDADE

Neste capítulo, partindo da discussão sobre a definição de TV de qualidade, vamos compreender o contexto em que surgiu a TV de grupo e o Núcleo Guel Arraes, assim como as características das suas produções. Também será apresentado o objeto de estudo dessa pesquisa – o programa *Esquenta!*, comandado por Regina Casé.

2.1 TV: ENTRE O IBOPE E A QUALIDADE

O surgimento do aparelho de televisão proporcionou a exibição de imagens no ambiente doméstico, tirando a exclusividade das telas grandes do cinema. Dessa forma, um grande número dos espectadores mudou-se para o âmbito familiar, fazendo com que o entretenimento se tornasse algo mais privado.

A televisão, quando entendida como uma tecnologia da Comunicação de Massa, como tal, vive em constante progresso. O mesmo pode se dizer da linguagem audiovisual, que, ao longo do tempo, desenvolveu-se de acordo com as suas possibilidades e as suas necessidades:

O cinema e a TV dos anos 1930 constituíam a aquisição plena e definitiva das tecnologias da representação e da difusão capazes de imitar o aspecto multimídia do real. Por conseguinte, cinema e TV se tornavam capazes de produzir artificialmente encenação e comportamentos humanos – de realizar performances coletivas – que *refletissem* cada vez mais o mundo real, *àquela altura* sem precisar recorrer materialmente à fisicidade dos espaços, dos corpos ou dos aparatos cenográficos, como se dava na artificialidade teatral, mas antes utilizando e manipulando a imagem ótica, o fantasma e, portanto, o *desejo* (ABRUZZESE, 2006, p. 65).

De acordo com ABRUZZESE (2006), a civilização do espetáculo inventou a televisão e logo pairou em torno dessa máquina, tratando de informá-la sobre si e de narrar-se nela. O audiovisual, então, passou a funcionar como um “espaço” de pessoas, dando visibilidade a temas referentes tanto à esfera pública como à esfera privada.

Segundo SODRÉ E PAIVA (2002), as maiores emissoras de televisão, que detinham o poder tanto em termos econômicos como, conseqüentemente, em termos de programação, ditaram suas próprias regras ao imporem programas no formato de “feiras livres” como aquelas que ocorriam nas praças. Foi nesse contexto que surgiram, no Brasil, apresentadores como Silvio Santos, Chacrinha e Dercy Gonçalves, comandando espetáculos de exposição da desgraça alheia com linguagem simplificada para maior e melhor assimilação do público.

Logo, era possível encontrar na TV programas que tinham como matéria-prima temas espetacularizados da vida cotidiana, como a infelicidade alheia, as deformidades

físicas, a mendicância, entre outros, a fim de obter audiência expressiva e fiel. Os autores destacam o chamado “riso cruel”, que, de acordo com eles, se instituiu como um importante recurso utilizado pela mídia. Esse conceito é definido por eles ora como gozo pelo sofrimento alheio, ora como indiferença perante questões sociais ou éticas.

Vale ressaltar que, ainda segundo SODRÉ e PAIVA (2002), a ideia de grotesco chocante, por sua vez, é a modalidade predominante na programação televisiva. Dessa forma se poderia, ao mesmo tempo, “encenar o povo” e mantê-lo afastado. Logo, ao dar voz a personagens bizarros a fim de mostrar a realidade tal como ela é, impede-se que seja dada a devida atenção às causas sociais.

De acordo com FECHINE (2008), o fato de a lógica da televisão no Brasil ser comercial faz com que muitos profissionais da área argumentem no sentido de que a produção televisiva deva se orientar pelas preferências do público e da publicidade. Logo, tem-se que a audiência é o melhor indicativo de uma TV bem-sucedida. Assim, desde os anos 70, quando começou a disputa pela audiência entre as emissoras, a falta de qualidade vem sendo associada, de modo cíclico e sistemático, ao sensacionalismo e à exagerada espetacularização da programação, inclusive do jornalismo.

Foi nos anos 70, porém, que a Rede Globo estabeleceu novas metas para sua grade de programação. A partir da ideia do Padrão Globo de Qualidade, definiu que sua programação não poderia mais comportar programas chulos ou apelativos; também estabeleceu que a programação deveria primar por uma qualidade técnico-estética que desde então passou a ser buscada em suas produções. A construção do PROJAC, nos anos 90, foi mais um marco dessa busca pela excelência na produção. Mesmo que nos anos 90 a empresa fizesse uma revisão no seu selo de qualidade, para abrigar programas mais populares a fim de concorrer com novas emissoras como SBT e Record, ela não abriu mão de continuar investindo em uma diversificação da grade televisiva.

É dentro desse quadro que FECHINE (2008) chama a atenção para o fato de que conciliar preocupações ético-estéticas com determinações mercadológicas é uma alternativa possível e, como exemplo, nos indica o Núcleo Guel Arraes, abrigado pela Rede Globo. Assim, dentro da nossa principal emissora, o Núcleo Guel Arraes é “[...] uma boa síntese do que se propôs de original, criativo e comercialmente viável na televisão brasileira nesses últimos 20 anos” (FECHINE, 2008, p. 18). Segunda a autora, a atuação do grupo já é uma experiência duradoura o suficiente para servir de referência nessa proposta, assim como é bem-sucedida o bastante para mostrar que se pode atender às exigências do público e da

publicidade sem abrir mão do experimentalismo capaz de promover a renovação necessária da televisão.

2.2 A TV DE GRUPO: O NÚCLEO GUEL ARRAES

De acordo com FECHINE (2008, P. 19), a expressão “TV de qualidade” surgiu no cenário intelectual britânico dos anos 80, cujas discussões remetiam tanto aos aspectos éticos quanto estéticos:

De modo geral, os critérios de qualidade associados mais diretamente ao campo ético privilegiam o papel social da TV, assim como a sua função educativa. Nessa perspectiva, a qualidade é, frequentemente, associada à capacidade da TV de reforçar a democratização da sociedade e promover laços sociais entre diversas comunidades, estimulando debates, envolvimento e experiências coletivas em torno de determinados temas ou fenômenos. Está também relacionada à preocupação em atender às demandas e a dar visibilidade aos diferentes grupos sociais (minorias, especialmente), o que se traduz, na prática, na diversidade de oferta de programas (incluindo a programação regional) e no estímulo ao pluralismo cultural.

No que diz respeito ao contexto brasileiro, conforme a autora, a Rede Globo se apropriou, pioneiramente, do discurso da qualidade. Dessa maneira, aboliu da sua programação as atrações que apelavam para a exposição sensacionalista de indigentes, crianças, aleijados, entre outros. Assim,

Todo seu esforço dirigiu-se, a partir de então, para construir e difundir um “padrão Globo de qualidade” associado, inicialmente à excelência técnica na difusão da sua programação (recepção de fácil sinal, abrangência da cobertura, boa definição de imagem, etc.), ao seu êxito empresarial (melhor infra-estrutura, equipamentos de última geração, maiores salários e índices de audiência) e ao seu profissionalismo técnico-estético (programação visual arrojada, cenários e figurinos hollywoodianos, uso de efeitos especiais, investimento numa teledramaturgia nacional apoiada em um elenco com grandes nomes etc.) (FECHINE, 2008, p. 21)”.

Ainda de acordo com a autora, do ponto de vista ético ou estético, nenhum núcleo da emissora atende tão bem às pretensões do chamado Padrão Globo de Qualidade, sem descuidar-se das exigências da audiência, quanto o Núcleo Guel Arraes. Logo, podemos evidenciar a preocupação que esse grupo tem com a consolidação de uma produção nacional audiovisual dotada tanto de qualidade técnico-estética quanto de apelo popular. Como exemplo, podemos citar os formatos inovadores das atrações *Programa Legal* (1991) e *Brasil Legal* (1994), também comandadas por Regina Casé.

Segundo FECHINE (2008), embora a criação oficial do Núcleo Guel Arraes corresponda ao ano 1991, suas atividades tiveram início ainda nos anos 80. A construção desse lugar privilegiado de experimentação dentro da Rede Globo é, em grande medida, o resultado da capacidade de Guel, como diretor, de aglutinar, em torno dos seus projetos, profissionais oriundos do movimento do vídeo independente, da literatura e cinema marginais, e do teatro e jornalismo alternativos. Logo, temos que “a construção desse espaço de diálogo entre realizadores de distintas formações propiciou, conseqüentemente, a apropriação pela TV, a partir das suas próprias lógicas, dos postulados e tendências expressivas preconizados por seus campos originais de atuação artístico-cultural” (FECHINE, 2008, p. 25).

Desse modo, o Núcleo Guel Arraes pode ser entendido como uma experiência singular na televisão aberta brasileira pelo próprio modo como se organiza sob o formato de grupo. Assim, de acordo com a autora, a Rede Globo funcionou como um centro aglutinador que conformou o universo da sociabilidade e o espaço social de convergências das afinidades profissionais e pessoais, das experiências e formação cultural semelhantes, dos princípios e valores éticos e estéticos dos integrantes desse grupo.

Sobre o modo de operar do Núcleo, deve-se destacar que esse desfruta de uma espécie de “ruptura autorizada”, nas palavras de FECHINE (2008), com os padrões estabelecidos da Rede Globo. Isso se deve à necessidade de inovação inerente à própria lógica da indústria cultural. À essa liberdade de criação também está relacionado o fato de vários profissionais do grupo não fazerem parte do quadro da emissora, sendo contratados para projetos específicos.

Dessa forma, segundo a autora, o Núcleo Guel Arraes consolidou-se como um espaço de criação no qual coexistem, hoje, a preocupação tanto com a experimentação formal quanto com a difusão de conteúdos que estimulem a crítica social e a afirmação cultural. Sendo assim,

Seu projeto ético-estético é pautado, por um lado, pela deliberação em reinterpretar a realidade social e a produção cultural do País a partir da perspectiva do não-oficial, do popular e do periférico. O Núcleo assume, por outro lado, a clara ambição de fazer do seu experimentalismo formal uma ‘marca’ da Rede Globo e, ao mesmo tempo, uma estratégia de legitimação do próprio grupo dentro da emissora. [...] Graças aos conteúdos socialmente positivos e às formas inventivas, o Núcleo Guel Arraes acabou sendo identificado, pela crítica especializada em televisão, como responsável por uma ‘grife’ de qualidade da Rede Globo e por um novo estilo na TV em geral (FECHINE, 2008, p. 49).

Sobre o trabalho do Núcleo, a autora destaca quatro recorrências na sua produção que, portanto, podem ser entendidas como características deste. São elas: a *montagem expresiva*, a *auto-referencialidade*, a apresentação do *processo como produto* e o *apelo à inversão*.

A *montagem expressiva* abarca os procedimentos e elementos reunidos responsáveis pela construção do discurso na ilha de edição, explorando os recursos técnicos nos sistemas lineares, como cortes e superposições, somados ao processamento digital da imagem nos sistemas não-lineares, como controle de cores e recortes e colagens. Essa característica relaciona-se com a multiplicidade das formas de expressão do vídeo na contemporaneidade, que está associada à concentração (e até mesmo ao excesso) de informações verbais, visuais e sonoras em um episódio.

A *auto-referencialidade*, por sua vez, está associada tanto às estratégias de desvendamento dos mecanismos de mediação da TV (revelação dos bastidores, por exemplo) quanto à proposição de conteúdos relacionados aos produtos e processos do meio (televisão que fala de si mesma). Logo, essa característica está relacionada tanto ao exercício de metalinguagem que a própria televisão faz de si por meio de citações em outros programas, quanto a uma prática desconstrutivista em relação aos modelos insitucionalizados pela própria TV, o que acontece muitas vezes por meio de paródias.

O *processo como produto*, seguindo as ideias da autora, refere-se àqueles programas que fazem do seu próprio processo um produto a ser exibido. Em outras palavras, trata-se de atrações em que a TV faz do próprio ato de enunciação aquilo mesmo que há para ser enunciado. “Define-se, assim, uma configuração enunciativa pautada não apenas pela revelação dos procedimentos da encenação e dos dispositivos de mediação, mas pela apresentação (exibição) da própria representação” (FECHINE, 2008, p. 55).

Por fim, o *apelo à inversão* pode ser designado como as estratégias associadas aos programas cujas propostas temáticas privilegiam tudo o que pode ser considerado como o “avesso” daquilo que estamos acostumados a ver na televisão. Nesse sentido, podem-se abrir espaços, por exemplo, para personagens anônimos ou para a produção regional, propondo, assim, a reinterpretação da realidade social e da produção cultural do Brasil, a partir da perspectiva do não-oficial, do popular e do periférico. Segundo a autora, essa característica possibilita à TV contribuir para a construção de uma ‘visibilidade afirmativa’ de certos grupos e segmentos sociais, que geralmente não recebem atenção. Sobre o assunto, podemos fazer o seguinte destaque:

Esse projeto de “visibilidade afirmativa” é assumido, particularmente, dentro do Núcleo, pelo trio formado pelo próprio Guel, por Regina Casé e pelo antropólogo Hermano Vianna (consultor e redator). Para eles, essa proposição estética é estreitamente ligada com o que entendem como uma “atuação política” – ao menos, a possível – no interior da Rede Globo e da própria lógica da indústria cultural (FECHINE, 2008, p. 62).

Logo, segundo a autora, tais tendências – a partir da reorganização de formas que acabam por constituir novos formatos – significam uma contribuição para a qualidade ético-estética na TV. Se tais características já podem ser encontradas em outros produtos da Rede Globo, dentro do Núcleo a atriz e apresentadora Regina Casé é uma das grandes referências.

2.3 OS PROGRAMAS DA REGINA

Quando se fala em “povo” na televisão, Regina Casé é uma espécie de referência no assunto, tendo em vista sua trajetória artística. De fala simples e carismática, a atriz e apresentadora tem facilidade em abordar questões referentes ao popular, funcionando como uma porta-voz autorizada da Rede Globo para tratar sobre o tema.

Neta do radialista Ademar Casé, Regina Casé¹ nasceu no dia 25 de fevereiro de 1954 em Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Passando pelo teatro, cinema e televisão, teve a sua imagem de atriz popularizada com a participação em sua primeira novela, *Guerra dos Sexos*, em 1983, escrita por Sílvio de Abreu e Carlos Lombardi, com direção de Jorge Fernando e Guel Arraes.

Sua carreira de atriz começou a ganhar maiores proporções na televisão, porém, quando participou de um dos maiores programas de humor brasileiros, a *TV Pirata*, em 1988. Já na década de 1990, Regina Casé conheceu o DJ Marlboro, que apresentou para ela o funk carioca e, conseqüentemente, o mundo da periferia, algo que marcaria seus projetos futuros.

De 1991 a 1992, a Regina apresentou, juntamente com Luiz Fernando Guimarães, o *Programa Legal*², primeiro projeto a incursionar por um espaço pouco visto na televisão. A atração, que mesclava documentário com ficção e humor, tinha a intenção de mostrar como um “programa de índio” poderia tornar-se numa aventura interessante e divertida.

Entre os temas abordados estão: o esoterismo, a alta sociedade, a festa de São João, o samba, o culto ao corpo e a música sertaneja. Em cada episódio, os apresentadores davam

¹ REGINA CASÉ. **Vida**. Disponível em: <<http://www.reginacase.com.br/vida>>. Acesso em 21 mai. 2014

²MEMÓRIA GLOBO. **Programa Legal**. [2014?]. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/programa-legal/producao.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

vida a diversos personagens, entrando em contato direto com as pessoas nas ruas – quadro que foi batizado de “cenas de plateia”. A intenção, logo, era justamente levar a televisão para a rua:

Embora gravadas e editadas posteriormente em um roteiro muito bem pensado, essas “cenas de plateia” recuperavam, na produção televisiva, um modelo de representação baseado na encenação do cotidiano e da própria experiência de vida dos participantes do “jogo”, no improviso e na espontaneidade daquilo que se faz no momento mesmo em que se exhibe (FECHINE, 2008, p. 58).

Ainda segundo Fechine, a atração notabilizou-se justamente pelo modo como elegeu e tratou temas de natureza mais antropológica, que, até então, não estavam incluídas na pauta da televisão. Ao “inverter o foco” da TV, contrapondo o discurso predominante das mídias, o programa representou de forma mais positiva as pessoas, o cotidiano, as práticas e os valores da periferia.

Em 28 de dezembro de 1994, Regina participou de um marco na televisão brasileira com o programa de fim de ano da Globo: *Brasil Legal* – que viria, mais tarde, a compor a grade de programação da emissora por quatro anos, de 1995 à 1998. A atração aprofundava a experiência do programa anterior, com a diferença de que agora a articulação se dava em torno de um eixo temático.

No programa, a apresentadora viajava pelo país e pelo mundo buscando pessoas, geralmente “ilustres” desconhecidos, que revelavam, por meio de suas histórias, um Brasil desconhecido de muitos brasileiros. Desse modo, a proposta era mostrar lugares e tipos interessantes, inusitados e, quase sempre, anônimos de diferentes regiões do país³.

Numa espécie de “diário de bordo”, traçava perfis de pessoas, exemplificando um Brasil rural e folclórico. Embora fosse entendido como um programa de entretenimento, era possível encontrar traços de um caráter documental.

Com o término do programa, Regina Casé estreou *Muvuca*, que ficou no ar por dois anos. A dinâmica funcionava de forma inversa à atração anterior. Se em *Brasil Legal* a apresentadora ia ao encontro do povo, agora ela recebia o povo em um único local, o Casarão do *Muvuca*. Contudo, vale ressaltar que, no segundo ano do programa, a casa viajou não só pelo Brasil, mas também pelo exterior, indo a locais como Miami e Trinidad e Tobago.

O *Muvuca*, portanto, era uma espécie de *talk show* que mesclava descontração e reportagens especiais. Nele, a apresentadora também fazia entrevistas de rua, descobrindo

³MEMÓRIA GLOBO. **Brasil Legal**. [2014?]. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/brasil-legal/formato.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

personagens curiosos, além de registrar situações espontâneas do cotidiano das pessoas. Tanto famosos como anônimos eram convidados a participar⁴.

A casa que deu o nome à atração era onde o programa era produzido, gravado e editado. Logo, microfones e câmeras faziam parte do cenário, misturando bastidores e cena. O espaço, de duzentos metros quadrados, contava com seis quartos, três salas, banheiro, cozinha, um jardim com piscina e ficava situada no bairro Humaitá, no Rio de Janeiro. As entrevistas, como de costume, eram marcadas pela informalidade característica da apresentadora.

Em 2006, Regina apresentou o especial *Central da Periferia*, tendo como foco a vida cultural nas regiões periféricas. O programa, uma espécie de auditório ao ar livre, mostrava como os próprios moradores lutavam diariamente a fim de tornar o lugar onde nasceram cada vez melhor. A atração, assim, abria espaço para talentos de comunidades carentes e discutia a relação entre as produções culturais do centro e da periferia do Brasil.

Regina Casé também apresentou diversos quadros para o Fantástico⁵. Os dois primeiros tinham foco na cultura popular, como *Minha Periferia* (2006), em que viajava pelo país para encontrar personagens que representassem culturalmente as comunidades em que foram criados, e *Minha Periferia É o Mundo* (2007), em que mostrava a produção cultural na periferia de grandes centros urbanos fora do Brasil, como Cidade do México, Porto Príncipe, Haiti, Luanda, Angola e os subúrbios de Paris.

Nos anos seguintes, os quadros começaram a englobar o avanço tecnológico nessas regiões mais pobres. *Lan House* (2008) mostrou o impacto da internet e as novas tecnologias digitais na periferia brasileira e a importância desses estabelecimentos comerciais que provêm acesso à internet nesse contexto. Já em *Vem com Tudo* (2009), Regina assumia o papel de uma “caçadora de tendências” para mostrar, de forma bem humorada, “o que vem com tudo e o que está com tudo” no Brasil e no mundo. No quadro, a apresentadora também interpretava personagens de alguma forma conectados ao tema do dia. Todas as atrações, de diferentes formas, tratavam de apresentar o Brasil para os brasileiros, desmistificando preconceitos e valorizando a cultura nacional.

⁴MEMÓRIA GLOBO. **Muvuca**. [2014?]. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditório-e-variedades/muvuca/formato.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

⁵MEMÓRIA GLOBO. **Fantástico**. [2014?] Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/regina-case.htm>>. Acesso em 22 mai. 2014

2.4 O PROGRAMA *ESQUENTA!*

Um das produções de maior sucesso (e duração) do Núcleo Guel Arraes é o programa *Esquenta!*, que começou a ser exibido em 2011. A atração dominical da Rede Globo também é comandada pela apresentadora Regina Casé.

Trata-se de um programa de auditório, que, por fazer parte desse grupo, como já dissemos, foge dos padrões estabelecidos pela televisão. Misturando entretenimento com informação, aborda os temas e a cultura popular de maneira a valorizá-los. Dessa maneira, estimula o debate intelectual sobre assuntos pertinentes à sociedade, assim como tenta desmistificar a cultura do país para os próprios brasileiros.

O sucesso da atração comprova a ideia de que, embora ainda haja espaço para o entretenimento esvaziado de conteúdo, também há espaço (e demanda) para o entretenimento que se propõe à reflexão de questões de interesse público a partir do ponto de vista do povo. O que o programa faz é dar voz e ouvidos àqueles que geralmente estão à margem das opiniões que circulam nos meios de comunicação. Dessa forma, faz uma espécie de movimento de autoafirmação e, conseqüentemente, de valorização do povo.

Pode-se dizer, então, que o programa reflete o momento em que o país vive hoje, no que se refere à inclusão digital, à pacificação das favelas, aos avanços contra a homofobia e o racismo, ao surgimento do sistema de cotas nas universidades, entre outros fatores. O *Esquenta!* é uma espécie de “evolução natural” dos programas comandados pela Regina. Ao ter a liberdade de modificar os padrões e os formatos televisivos, adquire força ao ajudar a quebrar estigmas e desmistificar os preconceitos com que tais temas geralmente são abordados na televisão. Nesse sentido, valoriza a cultura brasileira, somando qualidade à TV.

O programa *Esquenta!*⁶ foi ao ar pela primeira em janeiro de 2011, a fim de ser uma atração de verão da grade de programação da Rede Globo. Assim, a primeira temporada ficou no ar de dois de janeiro a 27 de março do mesmo ano, além de ganhar uma edição especial em 26 de junho, em razão das festas juninas – o episódio foi chamado de “Esquentão”. Ao todo, foram exibidos quatorze episódios no primeiro semestre do ano.

A segunda temporada do *Esquenta!*, por sua vez, ganhou mais episódios, começando ainda em 2011, no dia onze de dezembro, ficando no ar até o dia primeiro de abril de 2012. O especial “Esquentão” se repetiu no dia 24 de junho. Ao todo, foram dezoito programas.

⁶ ESQUENTA!. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Esquenta!&oldid=38826690>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

Já a terceira temporada, em razão do sucesso, adquiriu o status de anual, indo ao ar de nove de dezembro de 2012 até primeiro de dezembro de 2013, ficando, aproximadamente, um ano em exibição, totalizando 52 episódios. A quarta temporada iniciou-se no dia 13 de abril de 2014 e tem previsão de término no final do ano.

Sempre gravado, o programa foi criado inicialmente com a intenção de ser uma atração especial de verão com temática de férias e carnaval. Contudo, devido ao sucesso, passou a abordar assuntos diferentes a cada semana, sempre com bom humor.

Mesmo tendo como “pano de fundo” o samba e o funk, ritmos conhecidamente populares, o programa defende que todos os povos e culturas sejam representados e/ou tenham espaço na atração. O *Esquenta!* possui, além da plateia, um elenco fixo de participantes (oriundos de diferentes classes sociais), diversos dançarinos, DJ e convidados especiais.

A ficha técnica da primeira temporada inclui na direção o quarteto formado por Estevão Ciavatta, Leonardo Netto, Monica Almeida e Mário Meirelles. Já o roteiro foi finalizado por Fábio Porchat, Alberto Renault e Hermano Vianna. Atualmente, a direção fica por conta de Daniela Gleiser e a direção geral pertence à Mônica Almeida.

Entre os dançarinos do programa, estão o grupo de funk *Bonde da Madrugada*, passistas da corte do carnaval carioca, entre outros bailarinos. Na temporada atual, temos entre as dançarinas duas rainhas de bateria, Dandara Oliveira e Bianca Salgueiro. Para melhor compreender o objeto de estudo, vamos fazer uma breve descrição das temporadas.

O primeiro programa, em 2011, teve seu episódio de estreia marcando dezessete pontos de audiência⁷. Estreou em clima de festa, com bastante samba e em ritmo de verão. Regina Casé tem ao seu lado, desde o início, dois artistas que são referência quando o assunto é samba e pagode: Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy.

Ainda sobre o primeiro ano, o cenário e a plateia, feitos por Gringo Cardia, podiam ser vistos de diferentes ângulos. O palco, composto por figuras geométricas em cores vivas, contava com uma arquibancada em forma de arena para 400 pessoas. Uma rampa que circulava por diversos níveis facilitava a interação entre Regina Casé e seus convidados. Um desses espaços era destinado à roda de samba liderada pelos sambistas, à cozinha; e, em um plano inferior, era possível encontrar um palco para shows onde as atrações musicais se

⁷ESTREIA do “Esquenta” marca 17 pontos de audiência na Globo. **Portal UOL**, Rio de Janeiro, 03 janeiro 2011. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/01/03/estreia-do-esquenta-marca-17-pontos-de-audiencia-na-globo.jhtm>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

apresentavam. Atualmente, tais características permanecem, tendo apenas a cozinha sido extinguida.

A apresentadora transita por todos os presentes com facilidade, interagindo com seus convidados e também com os familiares, revelando suas histórias enquanto comanda a atração, quase sempre numa atmosfera de festa. Vale ressaltar que esse clima animado está presente nas cores e na disposição do cenário, nas músicas, na participação dos convidados, no figurino do elenco fixo, nos quadros do programa, etc. Tendo o samba como trilha sonora oficial da atração, é comum que entre os convidados estejam escola de samba com sua bateria, velha guarda, rainha de bateria e assistentes.

Na primeira temporada, Regina entrevistou figuras como os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, que brincou sobre sua aposentadoria, e Fernando Henrique Cardoso, com quem trocou ideias sobre a descriminalização das drogas. Também conversou com a ex-ministra e então candidata à presidência Marina Silva, que contou a história de sua vida e falou sobre o meio ambiente.

Em 2011, um dos quadros fixos no roteiro era relacionado ao humor, o que garantia que a apresentadora recebesse sempre comediantes em performances quase sempre improvisadas no palco. Entre os artistas que apresentaram esquetes no programa estão Fábio Porchat, Leandro Hassum, Marcius Melhem, Katiuscia Canoro, Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães, todos vinculados à emissora.

O primeiro “Esquentão”, especial de São João, foi dedicado à cultura nordestina, com comidas, músicas e temas típicos desta região do país. Para tal, foram trazidos convidados de acordo com o ritmo musical da festa, como Luan Santana, Aviões do Forró e Targino Gondin – autor do sucesso “Esperando na Janela”. No mesmo programa, Regina conversou com o ator Domingos Montagner, que vivia o cangaceiro Herculano na novela *Cordel Encantado* e que falou sobre influências regionais utilizadas para compor o seu personagem.

Já na segunda temporada, a roda de samba abriu espaço para os diferentes gêneros musicais do país, como funk, forró, sertanejo, pagode, etc. Entre as novidades da temporada, estão o quadro “Calourão”, em que participantes da plateia têm seus talentos avaliados pelos integrantes do elenco em determinada atividade, e a “Biblioteca do *Esquentão!*” – uma espécie de biblioteca móvel – na qual cada convidado do programa doa uma cópia de seu livro favorito e faz a recomendação da leitura. O livro, então, irá circular por diversos locais do país, até mesmo os mais remotos, tendo em vista que a ideia é proporcionar livros para

aqueles que não têm acesso a eles. A iniciativa é da Biblioteca Nacional, que possui um projeto semelhante.

Em 2012, o cenário de Gringo Cardia foi atualizado pelo próprio cenógrafo para deixar mais ágil a movimentação no palco e torná-la ainda mais integrada à plateia. Além disso, os dois palcos, o da banda convidada e o dos músicos do programa, ficaram lado a lado, facilitando a interação natural entre os músicos.

A terceira temporada, por sua vez, passou a ser exibida após a Temperatura Máxima, antes do Futebol. O estúdio do programa se expandiu e passou a possuir uma piscina e a ter o famoso “churrasco na laje” – que não tiveram longa permanência na atração. Além disso, cada episódio passou a ter um tema central, que geralmente é adequado ao figurino do elenco e da apresentadora.

Dentre as mudanças da quarta temporada do *Esquentar!*, temos a inserção de quadros como *O que queremos para o Brasil?*, em que personalidades da vida social, política e artística do país apontam os desejos de brasileiros para o futuro da nação; e *Visita Musical*, que proporciona a interação de artistas de diferentes localidades e ritmos. Participando do elenco desde a temporada anterior, no elenco fixo da temporada de 2014 estão presentes os colaboradores de conteúdo Alê Youssef, Ronaldo Lemos e José Zacchi, apresentadores do programa *Navegador* da *Globonews*, que auxiliam na discussão de cada tema.

A novidade no elenco fixo ficou por conta de Luis Lobianco, redator e comediante, que passou a comandar novos quadros de humor. O cenário, por sua vez, ganhou maior flexibilidade, passando a mudar a cada programa, conforme o tema.

Outra alteração é referente ao horário de exibição. A temporada atual vai ao ar no início das tardes de domingo, entre o Esporte Espetacular e os filmes da Temperatura Máxima, ou seja, mais cedo do que a temporada anterior.

Atualmente, o programa aborda um tema geral para cada edição, relacionando-o com outros assuntos. As questões que são debatidas contam com a participação de artistas (tanto do elenco fixo, como do de convidados), especialistas e/ou qualquer outra pessoa da plateia que queira se manifestar à respeito – o que faz da estrutura do *Esquentar!* um formato bastante democrático.

Sobre o *Esquentar!*, podemos dizer que este se estrutura a partir de uma mistura de temas de relevância social com a cultura brasileira. O programa começou como uma “vitrine” de elementos da cultura nacional, como o samba e o funk, porém, sempre teve seu discurso no sentido de valorização da mesma – tom que permeia atração desde o seu início.

Como mencionado, um dos elementos principais do programa é o samba – ritmo essencialmente brasileiro – presente desde a abertura. Embora seja o fio condutor da atração, é possível encontrar uma grande variedade de ritmos no programa, justamente a partir da ideia de valorização da produção nacional.

Assim, o *Esquenta!* anuncia-se como um espaço destinado ao desfile da diversidade e à aceitação do diferente. Por esse motivo, possui foco nas periferias, que geralmente não fazem parte das prioridades da programação das emissoras. Tal fato é ratificado pelos lemas/campanhas da atração, como “xô, preconceito!” e “o que o mundo separa, o *Esquenta!* junta”. Assim, com uma linguagem acessível e bom humor, o programa é conhecido pela sua capacidade de reunir diferentes pessoas, ritmos, culturas e estilos, estimulando a diversidade, numa tentativa de aproximar tudo o que é/está distante.

Se nos programas de auditório da televisão brasileira o lugar do povo é geralmente na plateia, distante do palco, no *Esquenta!* o formato é outro. A atração procura não exibir uma hierarquia entre os participantes. Logo, nesse sentido, podemos dizer que o programa vem na contramão da prática que legitima o estigma de que artista e público são pessoas distintas e não podem dividir o mesmo espaço. Assim, dá espaço para os indivíduos que geralmente não têm oportunidade de emitir suas opiniões e suas experiências o façam de forma lógica e coerente, possibilitando que temas de interesse público sejam debatidos a partir do ponto de vista de quem é excluído.

Portanto, o *Esquenta!*, “inverte a lógica” dos programas de TV, no que reúne no mesmo palco pessoas de todas as camadas sociais, independente de cor, raça, religião ou opção sexual, etc., por isso é comum vermos atores de novela e um simples morador de favela dividindo o mesmo espaço, travando diálogos relevantes sobre determinado assunto. O público fica muito próximo à apresentadora e aos famosos, representando uma verdadeira “festa democrática”.

Ao pregar essa “mistura”, é possível ver dançando juntos no mesmo palco, por exemplo, a atriz da novela do horário nobre com o gari uniformizado da prefeitura do Rio de Janeiro, de forma natural, sem puxar para o cômico ou o grotesco. A ideia é exatamente unir o que está distante – não apenas diminuindo, mas derrubando as barreiras – tentando, assim, provar que essa coexistência é possível e, por que não, muito saudável e produtiva.

O caráter popular do *Esquenta!* pode ser visto no vídeo de abertura da atração, que se utiliza de cores vibrantes e chamativas para apresentar a imagem do próprio elenco do programa, sempre num clima descontraído. Além disso, a trilha que acompanha a abertura é

um samba – o gênero mais popular do Brasil – de autoria de um dos participantes fixos do elenco, o sambista Arlindo Cruz. A música tem por título *Esquenta (samba da Regina)*, que evidencia em seus versos o viés popular da apresentadora da atração.

A comida é outro elemento muito comum do programa. Em cada oportunidade, são apresentados pratos de culinária típica, a fim de divulgar o que é conhecido numa região e desconhecido na outra. Em outras palavras, Regina apresenta uma parte do Brasil para todo o país, seguindo a idéia de quebrar preconceitos e aproximar o que está separado. Além disso, no *Esquenta!* é normal vermos um artista comendo iguarias populares, como coxinha ou pamonha.

O cenário da atração, assim como o vestuário do elenco fixo e corpo de bailarinos, trabalha nessa mesma linha popular da abertura, com cores vibrantes e design de traços exagerados. No entanto, nada indica o vexatório ou sugere o ridículo.

3 A SOCIEDADE BRASILEIRA: AS RELAÇÕES ENTRE A CASA E A RUA

Esse capítulo se propõe a entender a teia de relações que forma o universo brasileiro, a partir dos espaços *casa* e *rua*. Logo, procura-se investigar a participação dos atores envolvidos nessa construção, como a elite e o povo, assim como os fatores culturais que permeiam esse relacionamento. Esses aspectos nos ajudarão a entender melhor as intervenções de Regina Casé em seus programas.

3.1 A CASA E A RUA

Partindo da ideia de que a cultura é uma categoria-chave para compreender a sociedade contemporânea, ORTIZ (1995) discute a modernidade como forma de organização social e modo de ser. De acordo com o autor, esse processo de mudança nos levou a uma sociedade urbanizada e, com o avanço da técnica, ao advento de uma materialidade tecnológica sobre a qual constituiu toda uma cultura (ferrovias, telégrafos, fotografia, cinema etc.). Essas transformações implicaram em um novo modo de ser e de perceber o tempo e o espaço.

Conforme DAMATTA (1997), pode-se adotar a ideia de sociedade não como um conjunto de indivíduos, mas como uma entidade entendida de modo globalizado, “[...] que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais [...]” (p. 13). A partir desse pensamento, o autor lança duas “categorias sociológicas”, a *casa* e a *rua*, que são “[...] fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira de uma maneira globalizada” (p. 14). Esses conceitos pretendem

[...] Dar conta daquilo que uma *sociedade pensa* e assim institui como seu código de valores e ideias: sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a *sociedade vive e faz* concretamente – o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores (DAMATTA, 1997, p.14).

De acordo com o autor, “a *casa* define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa” (p. 15). Entretanto, é importante ressaltar, ainda segundo o autor, que, embora *casa* e *rua* constituam uma oposição básica na gramática brasileira, esse não é um contraste rígido e simples, pois trata-se de um par estrutural que é constituído e constituinte na própria dinâmica de sua relação.

DAMATTA (1997), ao afirmar que *casa* e *rua* são categorias sociológicas para os brasileiros, ressalta que estas palavras não apenas designam espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas, sim, entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por consequência, sejam capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. Destaca, ainda, que a *casa*, nesse sentido, pode ser entendida muito mais como um palco, um local físico, do que como um ator. Além disso, a ideia de *casa* só faz sentido quando em oposição ao mundo exterior – nesse caso, a *rua*.

DAMATTA (1997) chama a atenção para o fato de que “diante de certos problemas e relações, preferimos *englobar a rua na casa*, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma ‘grande família’, vivendo ‘debaixo de um amplo e generoso teto’” (p. 16). Sendo assim, o autor também destaca que esse englobamento pelo eixo da *casa* é típico do discurso populista:

O resultado é um discurso onde a pessoa, a casa e suas simpatias constituem a moldura de todo o sistema, criando uma ilusão de presença, honestidade de propósitos e, sobretudo, de bondade, de generosidade e compromisso com o povo. Não é ao acaso que tal tipo de fala tem o extraordinário sucesso que todos conhecem... (DAMATTA, 1997, p. 17).

Segundo o autor, quando a casa é englobada pelo eixo das leis impessoais (e pelo mundo da *rua*), o domínio das relações pessoais (a província da *casa*) fica totalmente submerso. Contudo, é preciso ter em mente que *casa* e *rua* estão inseridas no domínio do real, ou seja, “nesse mundo”, enquanto o “outro mundo” corresponderia ao mundo dos mortos – que é também um importante elemento englobador de situações sociais. Sendo assim, a sociedade brasileira pode ser interpretada a partir desses três fatores: do ponto de vista da casa, da perspectiva da rua e do ângulo do “outro mundo”:

Leituras pelo ângulo da casa ressaltam a pessoa. São discursos arrematadores de processos ou situações. Sua intensidade emocional é alta. Aqui, a emoção é englobadora, confundindo-se com o espaço social que está de acordo com ela. [...]. Leituras pelo ângulo da rua são discursos muito mais rígidos e instauradores de processos sociais. É o idioma do decreto, da letra dura da lei, da emoção disciplinada que, por isso mesmo permite e exclusão, a cassação, o banimento, a condenação. Já as leituras pelo prisma do outro mundo são falas inteiramente relativizadoras e muito mais inclusivas, onde as misérias do mundo são criticamente apontadas (DAMATTA, 1997, p. 18).

Conforme DAMATTA (1997), em *casa* nós somos “supercidadãos”, sabemos que se trata de um espaço que podemos fazer coisas que são condenadas na rua. Porém, quando na

rua, somos indivíduos anônimos, quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades”, não tendo paz nem voz. Ou seja, na *rua* somos “subcidadãos”, levando em consideração que nosso comportamento nesse local é igualmente negativo – sujamos o passeio público (em oposição ao asseamento da nossa casa), infringimos regras de trânsito, etc. A vergonha, nesse caso, fica relacionada com o Estado; ela não é mais nossa. Logo, “não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando criamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar” (DAMATTA, 1997, p. 19).

Dessa forma, o discurso predominante na sociedade é o oriundo da *rua*, em vez de o da *casa*, pois vem sempre acompanhado dos seus elementos legais e jurídicos. O idioma da *casa*, por sua vez, está mais relacionado com a fala dos subordinados, o que faz com que seja sempre esvaziado de conotações morais.

O autor também alerta para o fato de que “[...] temos muito o que aprender no sentido de aproximar e tornar mais coerentes essas multivisões do Brasil que permitem tantos arranjos e determinam tanta imobilidade social e política” (DAMATTA, 1997, p. 20). Tal aviso é muito válido, tendo em vista as possíveis complicações originárias do fato de se ter uma cidadania em casa e outra na rua.

Para analisar a sociedade, contudo, é preciso destacar que, mais interessante do que simplesmente categorizar, é trabalhar as conexões e as relações proporcionadas por essa visão dualística. Para DAMATTA (1997), seria a partir dos conectivos e das conjunções que poderíamos entender melhor as oposições, sem destruí-las.

3.2 O ESPAÇO

Quando nos referimos aos conceitos de *casa* e *rua* é comum relacionarmos com a ideia de espaço físico, contudo, eles podem se mostrar muito mais amplos e repletos de significados. Muitas vezes, o espaço se confunde com a ordem social e, sendo assim, é necessário entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores para interpretar como o espaço se dispõe.

No Brasil, “a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora” (DAMATTA, 1997, p. 29). Tal ideia está diretamente relacionada com a questão de poder, tendo em vista que as periferias estão sempre à margem do centro, ou seja, distantes das tomadas de decisão.

De acordo com DAMATTA (1997), *casa* e *rua* são, na verdade, grandes “entidades morais”. Dessa maneira, o conjunto de valores de um indivíduo pode variar radicalmente conforme o contexto em que ele se insere. No ambiente da sua casa, por exemplo, ele tende a acreditar no diálogo e na valorização das individualidades; por outro lado, quando na rua, o indivíduo aceita que todos devem ser tratados de forma igual, segundo a “fria letra da lei”, de modo a manter a ordem.

Sendo assim, pode-se dizer que o contraste entre esses dois conceitos é severo, já que a casa é o espaço da compreensão, da individualidade e do diálogo, enquanto a rua é o espaço da impessoalidade e do isolamento. Essa ideia fica explícita quando dizemos que alguém foi “posto para fora de casa”, pois a rua é relacionada a aspectos negativos, onde deixamos de ser uma pessoa para nos tornarmos um indivíduo submetido a regras impessoais. Como exemplo, também são comuns expressões como “vá para o olho da rua!”, que representa um rompimento violento com um grupo social, e “estou na rua da amargura”, que designa solidão.

A rua, por ter essa conotação negativa, é facilmente relacionada com um lugar perigoso, até por ser um lugar de anonimato. De acordo com DAMATTA (1997), enquanto o tempo da casa é medido pela hora do almoço, da novela, etc., o tempo da rua é geralmente medido pelo relógio com horários e rotinas fixas. Como contraponto, o autor lembra os momentos em que essas lógicas se invertem, como é o caso do carnaval, em que a *casa* invade a *rua*. Nesse período que retrata uma das referências da cultura brasileira, as noções de impessoalidade e hierarquia quase desaparecem em meio às festividades populares, já que a própria cidade (ou mesmo o país) assume o papel de *casa*.

Para o autor, tanto o tempo (ou a temporalidade) quanto o espaço são invenções sociais, ou seja, se constroem e (ao mesmo tempo) são construídos pela sociedade dos homens.

É porque vivemos de fato entre e na passagem de um grupo social para o outro que podemos sentir o tempo como algo concreto e a transformação do espaço como elemento socialmente importante. Assim, sabemos que as rotinas diárias preservam o tempo na sua duração “normal”, ao passo que nas festas o tempo pode ser acelerado ou vivido como tal. [...] A festa promove precisamente os deslocamentos destas atividades dos seus, digamos, “espaços normais”. (DAMATTA, 1997, p. 38).

DAMATTA (1997) também se utiliza da dualidade para explicar as formas espaciais. Segundo ele, temos espaços concebidos como eternos e transitórios; legais e mágicos, individualizados e coletivos. No que se refere ao poder político na nossa sociedade, temos

aquilo que é duradouro e eterno, marcado por monumentos ou palácios. Dessa forma, a praça (espaço genuinamente aberto e público) se caracteriza como o local da relação entre o indivíduo (o líder, o chefe de governo) e a coletividades, ou seja, o povo, a “massa”.

Ainda de acordo com o autor, é na praça que encontramos, por exemplo, bustos e/ou monumentos, feitos de material imperecível, representando a aliança entre líder e povo. É também nesse espaço urbano que sinalizamos com palácios, igrejas e mercados, tudo aquilo que representa a possibilidade de emoldurar a vida social num sistema padronizado. Dessa maneira, a praça configura-se como um território especial, uma região teoricamente do “povo”, funcionando como uma espécie de sala de visitas coletivas. É nela que encontramos o poder de Deus, na representação da igreja matriz, e o poder do Estado, na figura do palácio do governo. Os espaços transitórios, por sua vez, referem-se a locais que apresentam problemas. Trata-se das regiões pobres e das zonas de prostituição, geralmente situadas nas periferias.

Sobre o comportamento dos indivíduos nesses diferentes espaços, DAMATTA (1997) destaca que

[...] Se entrevistarmos um brasileiro comum em *casa*, ele pode falar da moralidade sexual, dos seus negócios, de religião ou da moda de maneira radicalmente diferente daquela que falaria caso estivesse na rua. Na *rua*, ele seria ousado para discutir sobre a moral sexual, seria prudente ao mencionar seus negócios e ultra-avançado ao falar de moda. [...] Em casa, porém seu comportamento seria, em geral, marcado por um conservadorismo palpável [...] (DAMATTA, 1997, p. 42).

No Brasil, as pessoas costumam ter uma ética para *casa* e outra para a *rua*. Isso pode fazer com que a mesma opinião valha para um, mas não para outro. É a partir desse ponto que surge o famoso “jeitinho brasileiro”, em que estamos acostumados a relativizar as noções de certo e errado. Para o autor, casa e rua são espaços, esferas de significação social, que contêm visões de mundo e éticas particulares. Dessa forma, qualquer evento pode ser sempre interpretado por meio do código da casa e do código da rua.

Cada espaço tem suas próprias regras, seguindo sua gramática particular. DAMATTA (1997) destaca o espaço especial que destinamos às visitas sociais. É comum termos um espaço dedicado a elas, geralmente a chamada “sala de visitas”. “O ritual de receber uma visita tinha (e ainda tem) requintes quase barrocos, pois significava abrir o espaço da casa para um estranho” (DAMATTA, 1997, p. 48).

Enquanto a *rua* está relacionada a aspectos negativos, a casa associa-se facilmente com lar e aconchego. Quando recebemos uma visita e dizemos “sinta-se em casa”, queremos deixar o visitante à vontade, proporcionando uma boa experiência, de forma hospitaleira. “De

casa vêm também casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional, plenamente coerente com o espaço da morada e da residência” (DAMATTA, 1997, p. 50).

Entretanto, *casa* e *rua* possuem “espaços intercalados”, ou seja, a rua possui locais de moradia e casa tem seus espaços “arruados”, como as varandas, as janelas, as salas de visita, os quintais, as entradas de serviço, etc. O próprio corredor de uma casa pode ser entendido como uma analogia à rua.

Além disso, de acordo com DAMATTA (1997), a casa demarca um espaço tranquilo, de repouso e hospitalidade, em que existe amor e calor humano. É um espaço dominado por um grupo social que, no Brasil, é concebido como “natural”; é o local da família. A rua, por sua vez, tem características inversas. É o local que pertence a entidades subjetivas, como ao governo ou ao povo. Geralmente é entendido como um lugar de tentações e de gente comum.

[...] O espaço público é perigoso e como tudo que representa é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora. O ponto crítico da identidade social no Brasil é, sem dúvida, o isolamento (e a individualização), quando não há nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio de sua relação com alguma coisa (seja pessoa, instituição ou até mesmo um objeto ou atividade). (DAMATTA, 1997, p. 55).

Portanto, a partir da ideia de temporalidade relacionada ao espaço, ainda segundo o autor, temos dois momentos distintos. Um deles é o tempo da casa, da família e dos amigos. Possui uma duração cíclica, que se reproduz toda vez que alguém entra ou sai de casa. É o tempo de reunião com pessoas com quem temos afeição e proximidade, celebrado por meio de almoços de domingo, por exemplo. Já o outro, é um tempo linear, de duração cumulativa e histórica. Trata-se de uma temporalidade impessoal, sem direito à saudade.

Podemos dizer que o espaço da *rua* é também o do entrecruzamento dos diferentes grupos sociais; dos enfrentamentos, da diversidade cultural. Já para nossa *casa* podemos escolher que pessoas convidar, e assim fugir dos enfrentamentos sociais que a *rua* provoca. No Brasil, a distância social entre os diferentes grupos, em especial entre centro e periferia, aumenta os enfrentamentos que se observam no espaço da *rua*.

3.3 AS ELITES E O POVO

Quando trazida à tona a questão da cultura popular, nos deparamos sempre com a discussão entre os termos povo e elite. CHAUI (1989) questiona se realmente existe uma

contradição entre eles. De acordo com a autora, podemos pensar o assunto a partir de três linhas interpretativas.

O primeiro percurso se refere à diversidade de culturas. Assim, poderíamos nos perguntar se a cultura do povo é (ou não) uma recusa explícita ou implícita da cultura das elites. Em caso afirmativo, teríamos, assim, duas culturas diferentes – o que explicitaria a existência das diferenças sociais.

Dessa forma, ficaria evidente o caráter autoritário das elites, que, como dominantes, têm por objetivo impor um padrão cultural único, ao mesmo tempo em que desejam anular tudo o que é de caráter popular. Elite, desse modo, passaria a ser sinônimo de segregação, ao querer estabelecer um padrão cultural para todos os membros da sociedade. Esse comportamento, então, levaria à tentativa de interdição do acesso a essa cultura “melhor”, dita muitas vezes erudita ou superior, na medida em que condena a cultura popular, tida como inferior ou atrasada. Logo, se existe uma “cultura do povo”, pressupõe-se que exista uma cultura das elites.

Numa segunda visão, seria interessante perguntar-se em que medida a cultura do povo reproduz o autoritarismo das elites. Nesse caso, o povo repetiria padrões culturais vindos do “alto” e, que, não podendo ser fielmente copiados, acabariam por realçar a diferença entre essas culturas. Sendo assim, fica claro o entendimento de que a elite seria o “melhor”, àquilo a que todos devem aspirar.

Já em uma terceira direção, a autora põe em cheque a contradição entre os termos povo e elite, de maneira que um dos conceitos não seja apenas diverso do outro e, sim, a sua negação. Desse modo, somos levados a pensar que a cultura do povo é não-autoritária. Contudo, a autora ressalta que essas possibilidades interpretativas não são excludentes, o que assinala a complexidade da questão.

Ainda no que diz respeito à cultura, deve-se destacar que é comum vermos os termos *popular* e *massa* serem utilizados como idênticos, colocando Cultura Popular e Cultura de Massa como sinônimos. CHAUI (1986) acredita que devemos tentar estabelecer diferenças entre esses conceitos, apesar de suas semelhanças, a fim de refletir melhor sobre o tema. Como justificativa pela escolha dessa abordagem, apresenta quatro motivos.

O primeiro deles tem relação com a realidade brasileira, tendo em vista os meios de Comunicação de Massa serem uma concessão estatal a empresas privadas, sob o controle ideológico e político do Estado. Tal ideia significaria que a Cultura Popular seria uma realização dos dominantes.

O segundo motivo destaca a vantagem da expressão “Cultura Popular”, que, por exclusão, admite a ideia de uma prática não-popular. Logo, assim, pode-se assinalar aquilo que a ideologia dominante tenta ocultar. O mesmo não acontece com a noção de Massa, que tende a esconder diferenças sociais, conflitos e contradições.

O terceiro motivo diz respeito à noção de Massa tendo como contraponto sócio-político a noção de Elite. Isso faz com que se tenha a tendência de reduzir o social a duas camadas, a alta e a baixa, formadas pela elite e pelos indivíduos anônimos, respectivamente.

Por fim, a quarta justificativa refere-se à estrutura conhecida da Comunicação de Massa, em que há a divisão invisível dos eixos *emissor autorizado* e *receptor autorizado*. Contudo, o que vemos são os meios de Comunicação de Massa venderem-se como um espaço aberto a todos, logo criando a ilusão de que o telespectador pertence a uma comunidade.

Para nossa discussão, é relevante destacarmos a terceira justificativa, em que há a distinção de dois grupos, um formado por uma massa amorfa e outro por indivíduos com capacidades extraordinárias – as supracitadas *baixa* e a *alta* culturas.

Não só a divisão social das classes fica dissimulada como processo de constituição do próprio social (sobretudo quando a ideologia sociológica da ‘mobilidade social’ garante que qualquer membro da massa pode ‘subir’ à elite, desde que seja um indivíduo excepcional), mas também a distinção massa/elite justifica e legitima a subordinação da primeira à segunda. [...] A elite, diz a ideologia dominante, possui o monopólio do saber e do poder (CHAUÍ, 1986, p. 29).

Desse modo, estabeleceu-se a que a Massa é desprovida de saber e considerada “vazia”, logo, inculta e passiva – o que a torna perigosa e digna de ser vigiada e disciplinada. Assim, “sob a aparência quantitativa (a massa) esconde-se uma imagem qualitativa (ignorância e perigo)” (CHAUÍ, 1986, p. 30).

MARTÍN-BARBEIRO (2006) também aborda essa questão. Segundo ele, o termo “popular” tinha por costume ser associado com tudo aquilo que era diferente de cultura – concepção esta que está relacionada com a questão da distinção entre o erudito e o popular. Sendo assim, o universo popular passou rapidamente a ser chamado de “cultura de massa”, ou seja, o massivo foi gerado a partir do popular:

Massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência. [...] E de massa será chamada a cultura popular. Isto porque no momento em que a cultura popular tende a converter-se em cultura de classe, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura de massa. [...] A cultura de massa foi construída acionando e deformando ao mesmo tempo sinais da identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas (BARBEIRO 2006, p. 181).

Essa dualidade entre o erudito e o popular está relacionada à ideia de *alta e baixa* culturas, respectivamente. Sobre esta distinção, pode-se dizer que

A modernidade assistiu ao surgimento das categorias “erudito” e “popular” como trincheiras simbólicas que serviram, durante muito tempo, para diferenciar a produção cultural consagrada daquela incapaz de dotar os seus consumidores dos signos de distinção tão preciosos em uma sociedade de crescente mobilidade e anonimato. Bourdieu analisou a formação do campo cultural e a maneira como o capital simbólico atrelado às obras consagradas no interior deste campo atuava na produção e reprodução das desigualdades sociais, funcionando como um marcador poderoso de classe ao distinguir os consumidores da “alta cultura” dos demais mortais comuns (ROCHA, 2012, p.4).

Sendo assim, é possível entendermos a “alta cultura” como um diferenciador entre a burguesia e a classe média. Mas, afinal, o que é erudição? Segundo VANNUCCHI (2002, p. 33), erudito é um ex-rude, ou seja, “alguém que passou de uma situação bruta para um patamar melhor, mediante um processo de aplicação intelectual rigoroso, de muito estudo e muita leitura”. Contudo, é importante ressaltar que um largo acesso aos livros, embora possa enriquecer culturalmente uma pessoa, não constitui cultura no sentido preciso.

Analisando sob um viés mais histórico, de acordo com ROCHA (2012), essa dicotomia entre cultura erudita e cultura popular, no Brasil se estabeleceu de maneira mais sólida a partir da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, em que ocorreu a “institucionalização” de um cânone modernista no campo cultural, tendo como foco a identidade nacional. Foi nesse contexto que o nacionalismo contribuiu para legitimar e pôr em diálogo o erudito e o popular.

De acordo com RIBEIRO (2006), esse antagonismo classista opõe uma estreita camada privilegiada ao grosso da população, fazendo que as distâncias sociais sejam mais intranponíveis que as diferenças raciais, por exemplo. Esse distanciamento entre as classes dominantes e as subordinadas vem desde a formação do povo brasileiro:

As elites dirigentes, primeiro lusitanas, depois luso-brasileiras e, afinal, brasileiras, viveram sempre e vivem ainda sob o pavor pânico do alçamento das classes oprimidas. Boa expressão desse pavor pânico é a brutalidade repressiva contra qualquer insurgência e a predisposição autoritária do poder central, que não admite qualquer alteração da ordem vigente (RIBEIRO, 2006, p. 21).

Segundo o autor, essa estratificação social separa e opõe os brasileiros ricos e remediados dos pobres. Isso faz com que a minoria privilegiada ignore e explore a grande massa, como se essa fosse uma conduta natural:

A façanha que representou o processo de fusão racial e cultural é negada, desse modo, no nível aparentemente mais fluido das relações sociais, opondo à unidade de um denominador cultural comum, com que se identifica um povo de 160 milhões de habitantes, a dilaceração desse mesmo povo por uma estratificação classista de nítido colorido racial e do tipo mais cruamente desigualitário que se possa conceber (RIBEIRO, 2006, p. 21).

Sendo assim, ricos e pobres separam-se como se fossem castas e guetos. Conforme diz o autor, os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença, ocultando sua miopia social. O povo-massa, por sua vez, sofrido, vê a ordem social como um sistema sagrado, que privilegia uma minoria à qual tudo é concedido. Um dos principais conflitos brasileiros gira exatamente em torno desse eixo: os privilegiados proprietários de terras e de bens de produção, geralmente brancos, e as grandes massas de trabalhadores, majoritariamente mestiças ou negras.

No Brasil, as classes ricas e as pobres se separam umas das outras por distâncias sociais e culturais muito grandes:

Ao vigor físico, à longevidade, à beleza dos poucos situados no ápice – como expressão do usufruto da riqueza social – se contrapõe a fraqueza, a enfermidade, o envelhecimento precoce, a feiura da imensa maioria – expressão da penúria em que vivem. Ao traço refinado, à inteligência – enquanto reflexo da instrução –, aos costumes patricios e cosmopolitas dos dominadores correspondem o traço rude, o saber vulgar, a ignorância e os hábitos arcaicos dos dominados (RIBEIRO, 2006, p. 194).

Esses estratos populacionais apresentam diferenças marcantes. Sendo assim, o autor destaca que, quando um indivíduo consegue atravessar a barreira das classes para ingressar na camada superior (e assim permanecer), poderá se notar nas gerações seguintes que os descendentes irão se confundir com o patriarcado tradicional, aparentando serem mais refinados. Para exemplificar, RIBEIRO (2006) utiliza a situação dos moradores do Rio de Janeiro, que frequentam a mesma praia, mas parte é oriunda dos condomínios de luxo de Copacabana, enquanto outra parte é de alguma favela dos morros cariocas. Para um observador desavisado, as representações dessas camadas opostas podem parecer humanidades distintas. Dessa forma, pode-se dizer que “a distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos” (RIBEIRO, 2006, p. 202). Contudo, deve-se ressaltar que, a essa distância, se soma a discriminação que pesa sobre os mulatos, os índios e, principalmente, os negros.

3.4 FAVELA, PERIFERIA, PEDAÇO

A abolição da escravatura não trouxe mudanças significativas para muitos negros quanto a sua condição social; grande parte devido à mentalidade vigente na época, em que os negros livres, mulatos e brancos pobres eram considerados os indivíduos mais reles, dotados de ignorância e preguiça, entre outras características negativas:

Essa visão deformada é assimilada também pelos mulatos e até pelos negros que conseguem ascender socialmente, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa. A nação brasileira, comandada por gente dessa mentalidade, nunca fez nada pela massa negra que a construíra. Negou-lhe a posse de qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas em que pudesse educar seus filhos, e de qualquer ordem de assistência (RIBEIRO, 2006, p. 204).

Esse problema enfrentado pelos menos favorecidos fez com que grande parte dos negros se dirigisse às cidades, a fim de encontrar um ambiente melhor. Assim, foram sendo construídos os chamados “bairros africanos”, que abrigavam essa população “excedente”. Com o tempo, esses bairros deram lugar às favelas, que, desde então, vêm se multiplicando tanto em tamanho, quanto em número de habitantes.

Essa nova população deve que se adaptar a vida na cidade, tendo em vista que esse não era mais o espaço rural de suas plantações. Contudo, essa adequação não quer dizer que esses indivíduos tenham se desligado dos seus hábitos e costumes. De acordo com RIBEIRO (2006), foi a partir de bases precárias que o negro urbano estruturou diversas manifestações culturais que hoje são símbolos do país, como o carnaval, o culto a Iemanjá e a capoeira. Também pode-se destacar a expressão nos campos da música popular e do futebol, por exemplo.

Dessa forma, pode-se dizer que a formação do povo brasileiro passa pela vinda dos escravos, que foram trazidos pelos imigrantes europeus, e, com o passar dos séculos, foram trasladados para o meio urbano, mais especificamente para as regiões periféricas. Assim, surgiu a “divisão” centro e periferia.

Vale ressaltar que o termo periferia, aqui, de acordo com CHAUI (1986), não é usado apenas no sentido espacial-geográfico, mas, sim, social, designando bairros afastados nos quais estão ausentes serviços básicos como água, luz, saneamento, posto médico, escolas, etc. Esse ambiente precário é também visto no “centro”, isto é, nos bolsões de pobreza, as favelas. Sobre esses indivíduos, a autora diz:

População cuja jornada de trabalho, incluindo o tempo gasto em transportes, dura de 14 a 15 horas e, no caso das mulheres casadas, inclui o serviço doméstico e o cuidado com os filhos. Os serviços públicos – hospitais, aposentadorias, creches – sendo considerados favor e concessão estatal, quando existentes (CHAUÍ, 1986, p. 58).

CHUAÍ (1986) destaca ainda as consequências desse êxodo rural. Sobre o assunto, ressalta que, com o processo de modernização, foi implantado no país um plano nacional de habitação popular, o qual também significaria uma forma de controle da população urbana, que cresceu bastante em razão das migrações. Em outras palavras, foram construídos conjuntos habitacionais para o povo-massa. Porém, além do material empregado ser de péssima qualidade – o que evidencia o descaso do Estado –, o uso do espaço foi o pior possível, no que prevaleceu o conceito de uniformidade e de homogeneidade.

Conforme a autora, contudo, os moradores individualizaram suas casas, pintando as fachadas com cores vivas, assim como transformaram as calçadas em jardins e hortas; a cozinha, em sala de visitas; a sala de visitas, em outro dormitório. Os interiores, por sua vez, receberam decoração personalizada, para o horror dos planejadores. Assim, a periferia criou o “pedaço”.

Sobre esse espaço, pode-se dizer que “alguns pontos de referência delimitam seu núcleo: o telefone público, a padaria, alguns bares, as casas de comércio, o ponto do ‘buzio’, o terreiro, o templo, o campo de futebol e alguns salões de baile” (MAGNANI, *apud* CHAUÍ, 1986, p. 67). Em outras palavras, temos um componente de ordem espacial que corresponde a uma determinada rede de relações sociais. É no “pedaço” que estão localizados alguns serviços básicos, como locomoção, abastecimento, culto, entretenimento, informação.

Não basta, contudo, morar perto ou frequentar com certa assiduidade esses lugares: para ser do “pedaço” é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência. [...] O termo “pedaço” designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais individualizadas impostas pela sociedade. [...] Pertencer ao “pedaço” significa ser reconhecido em qualquer circunstância, o que implica o cumprimento de certas regras de lealdade (MAGNANI, *apud* CHAUÍ, 1986, p. 68).

De acordo com CHAUÍ (1986), entre as dificuldades encontradas no percurso do trabalho à casa, e vice-versa, entre o medo de assaltos e da violência policial, entre o espaço hostil da rua e a privacidade da casa, a população da periferia cria um espaço próprio no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências e as vivências permitam reconhecer as

pessoas, dessa forma, estabelecendo laços de solidariedade. Assim, recria uma identidade que não depende daquela produzida pela sociedade mais ampla.

Se formos nos aprofundar no espaço do “boteco”, por exemplo, temos um universo bastante rico. É o ponto de encontro de trabalhadores (a maioria informal) e de funcionários públicos, ao contrário do “bar de classe média”, que é um lugar de “badalação”. Conforme CHAUI (1989) nos diz, enquanto política é um assunto corriqueiro no bar classe média, no boteco, o mundo da política é quase ausente – o político, além de inacessível, é corrupto e, portanto, desprezado. O bêbado, por sua vez, em contradição ao bar, é tratado como sóbrio, participando das conversas em igualdade. No boteco, o bêbado não é chato a ponto de ser expulso.

Esses exemplos nos permitem entender as relações sociais no universo brasileiro, uma vez que é levado em consideração o contexto em que os povos do Brasil foram formados e desenvolveram sua cultura. Como vimos, foi a partir da libertação dos escravos e a chegada dos imigrantes, com a queda do Império, que se deu o nascimento da República e, conseqüentemente, a ascensão das cidades, que passaram a ser o cenário principal nacional.

A passagem da mão de obra escrava para a assalariada tem papel essencial na construção das classes populares, tendo em vista que a migração do negro do ambiente rural para o urbano deu origem às primeiras favelas. Outro fator que se soma ao “inchamento” dos grandes centros urbanos é a industrialização moderna, já que as cidades não estavam preparadas para receber a invasão de tantos moradores. Temos nesse contexto o início dos problemas sociais, como a violência urbana. Conhecer essa organização social permite compreender melhor a organização dos espaços (ou categorias sociológicas, conforme DaMatta propõe), como a casa e a rua, assim como o funcionamento da teia de relações nesses locais.

E é essa teia intrincada e antiga que vemos ser problematizada nos programas de Regina Casé.

4 AS RELAÇÕES DA SOCIEDADE NO *ESQUENTA!*:

A partir do referencial teórico exposto acima, nesse capítulo será apresentada a proposta metodológica do trabalho. Em seguida, veremos a descrição dos episódios selecionados, assim como a análise em si.

4.1 PROPOSTA METODOLÓGICA

Por se tratar de um programa de televisão, é necessário levar em consideração o som e as imagens. Logo, neste capítulo, para atender aos objetivos da monografia, será realizada uma análise de narrativa audiovisual, mesclada com uma análise sociológica, a fim de compreender de que maneira as categorias *casa* e *rua* são simbolizadas no programa *Esquenta!* e com isso constituem um exemplo de TV de qualidade.

Sendo assim, vale ressaltar que, quando se analisa uma narrativa audiovisual, é necessário relacionar os conceitos das línguas sonoras e da linguagem imagética, sendo as imagens os elementos principais e, de certa forma, distintivos da linguagem audiovisual (SOUSA, 2006). Segundo o autor, isso se dá em função do poder de representação icônico da imagem, que passa por um recorte, ou seja, uma escolha, não representando, assim, a realidade de forma fiel. Desse modo, portanto, pretende-se analisar a estética própria da atração, assim como os recursos audiovisuais empregados nas construções sociológicas do programa.

Para se analisar uma narrativa audiovisual, o autor destaca, ainda, a importância das variáveis técnicas, como planos, movimentos de câmera e efeitos sonoros, e das simbólicas, como atores, história e cenários. Em um programa de televisão, que trabalha essencialmente com a linguagem imagética, esses são fatores de extrema relevância para se analisar a comunicação e suas estratégias.

Para analisar como as características das categorias *rua* e *casa*, povo e elite são construídas no programa *Esquenta!*, foi organizada uma tabela (abaixo) com as características das categorias de análise, a fim de ajudar na compreensão do que se propõe. Ou seja, vamos cruzar as características do programa com o que os autores do capítulo três propõem, a fim de entender como o povo está sendo retratado na televisão brasileira, em especial no atual programa de Regina Casé.

Casa	Rua
<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo 	<ul style="list-style-type: none"> • Discurso rígido, predominante (lei)
<ul style="list-style-type: none"> • Honestidade, generosidade, compreensão, compromisso com o povo 	<ul style="list-style-type: none"> • Exclusão, banimento
<ul style="list-style-type: none"> • Ressalta a pessoa 	<ul style="list-style-type: none"> • Indivíduos anônimos, maltratados
<ul style="list-style-type: none"> • Intensidade emocional 	<ul style="list-style-type: none"> • Não tem paz e voz
<ul style="list-style-type: none"> • Supercidadãos 	<ul style="list-style-type: none"> • Subcidadãos
<ul style="list-style-type: none"> • Indivíduo tende a acreditar no diálogo e na valorização das individualidades 	<ul style="list-style-type: none"> • Impessoalidade
<ul style="list-style-type: none"> • Família (tranquilidade, repouso, hospitalidade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Entidades subjetivas (gente comum, tentações)
Elite	Povo
<ul style="list-style-type: none"> • Possui monopólio do saber e do poder 	<ul style="list-style-type: none"> • Desprovido de saber
<ul style="list-style-type: none"> • Cultura erudita, dominante 	<ul style="list-style-type: none"> • Cultura popular, dominados
<ul style="list-style-type: none"> • Intelectualidade, traço refinado 	<ul style="list-style-type: none"> • Vazio, incultos, passivos, rude, arcaico
<ul style="list-style-type: none"> • Vigor físico, longevidade, beleza – ápice 	<ul style="list-style-type: none"> • Fraqueza, efemeridade, feiura – penúria

Tabela 1 – Características das categorias a serem analisadas.

Conforme explicado na Introdução, vamos analisar, de forma geral, as quatro temporadas do programa de Regina Casé, de maneira a ter um panorama geral da dinâmica do *Esquentar!*. Para isso, foram selecionados os quatro episódios de estreia de cada ano para a análise.

Contudo, para melhor compreender a análise, é preciso, aqui, tecer explicações sobre alguns elementos básicos do programa. Existe um momento especial em que um participante, independentemente de ser convidado, do elenco ou da plateia, tem espaço no centro do palco para sambar o tema de abertura do *Esquentar!*. Essa ocasião é chamada de *Bateria arrebenta*, em alusão à música de abertura composta por Arlindo Cruz e tem uma conotação muito positiva. Geralmente alguém “ganha” um desses momentos especiais por merecimento.

Também é interessante conhecer algumas personalidades recorrentes no programa. Já fizeram/fazem parte do elenco fixo “ilustres desconhecidos”, que passaram a ser conhecidos por causa do programa. São eles: a dupla Maíra e Camila, duas mulheres negras moradoras do morro do Cantagalo, no Rio de Janeiro, cuja parceria começou no programa *Brasil Total*, também de Regina Casé; Luane Dias, menina que ficou famosa na internet por fazer vídeos dando dicas de moda e beleza, com comentários ácidos; Nathália, menina cega que um dia foi ao programa para participar da plateia e acabou se tornando integrante da atração. Além disso, eventualmente, o elenco, tanto o recorrente como o convidado, é chamado de júri, embora não

se tenham quadros fixos de jurados no programa. Por fim, é importante também destacar o “elenco intelectual do programa”, composto por José Zacchi, Alê Youssef e Ronaldo Lemos.

A seguir, teremos uma descrição dos episódios, a partir de elementos relevantes para a apreciação, assim como a análise em si. Desse modo, vamos nos aprofundar nas questões centrais de cada um dos episódios selecionados, a fim de entender melhor o contexto em que o programa se insere e de que maneira as categorias sociológicas são construídas.

4.2 DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS ANALISADOS

Conforme capítulo 2, a primeira temporada do *Esquenta!* foi ao ar em 02 de janeiro de 2011 com a intenção de ser uma atração de verão, tendo como duração os três primeiros meses do ano. O episódio de estreia do programa começa com a animação de abertura – que remete a elementos rústicos e populares. Com o fundo lembrando papel pardo, vemos imagens de recortes e colagens bastante coloridas. Entre elas, podemos ver Regina Casé em cima de uma laje, uma favela e uma bateria de escola de samba, por exemplo.

A atração traz um cenário diferente. Regina Casé começa em cima de um tablado mais alto em um dos cantos do palco, que é formado por diversos ambientes. Em seguida, seu elenco de sambistas, localizados em um outro canto, de cor diferente, toca a trilha de abertura, trocando o nome da apresentadora dos versos pelo nome dos convidados que estarão presentes no programa, de maneira a anunciá-los. Nesse momento, vemos cenas de cada participante.

O palco, então, é composto por vários espaços distintos, cada um de uma cor viva, como rosa, laranja e amarelo. Um dos espaços é ocupado pela roda de samba do programa, que se reúne com os convidados sentados em volta de uma mesa de bar. Esse espaço é acessado por uma rampa, que se estende por todo o palco.

Entre os convidados da estreia estão, além do elenco fixo, os cantores Gilberto Gil e Zeca Pagodinho, acompanhados por sua filha e sua esposa, respectivamente; os humoristas Marcius Melhem e Leandro Hassum; o jogador Túlio Maravilha e os atores Cauã Reymond e Sheron Menezes. Também estão presentes integrantes da velha-guarda e assistas da escola de samba Portela.

Em meio a números musicais, Regina conversa com seus convidados, sem fazer distinção entre eles, ou seja, não importando se são famosos ou não. Discutindo sobre temas como Brasil, futebol e trabalho, a apresentadora, sentada em meio aos seus convidados, tenta aproximá-los com assuntos que lhes são comuns. Gilberto Gil fala sobre sua carreira, tanto de

músico quanto de político, acompanhado de sua filha, Preta Gil, e de seu neto, Francisco. Em determinado momento, a apresentadora passa o microfone para um dos seus convidados na plateia. Trata-se de um indivíduo comum, representante do povo, que trabalha como pedreiro. Ele é amigo pessoal de Regina e está ali para dar seu depoimento sobre como a conheceu, por meio de sua atividade profissional.

A conversa é intercalada com um trecho de um vídeo de uma entrevista que Regina Casé fez com o ex-presidente Luís Inácio “Lula” da Silva, em seu primeiro domingo “livre”, tendo em vista o fim do seu mandato de oito anos. No que parece ser um quarto de hotel, o ex-presidente assume que ainda não planejou sua vida pós-presidência, dizendo que vai assistir ao *Esquenta!*. O clima da conversa é bastante animado e informal, no que podemos ver a apresentadora tocar as mãos e o joelho de Lula várias vezes. Em seguida, o político faz uma convite à Zeca Pagodinho, já que tem conhecimento de que este o está assistindo, para uma “churrascada”, com bastante cerveja.

Regina cita algumas falas de Lula quando da sua visita ao morro do Cantagalo e o questiona sobre a vontade de melhorar a realidade do país. Ele salienta que não devemos ter complexo de “vira-lata”, afirmando que temos condições de sermos protagonistas de muitas mudanças no Brasil. Além disso, destaca que o país é muito respeitado no exterior. Regina comenta sua experiência nas periferias do mundo (auto-referencialidade) e diz que acredita na capacidade do povo e que este não deve ser desmerecido.

Após voltar do intervalo, intercalado com samba, temos Cauã Reymond revelando detalhes da sua vida profissional e familiar. Logo depois Regina fala com outro indivíduo do povo em meio a plateia – um senhor de idade avançada que vende polvilho na praia. Ela o questiona sobre seu trabalho, uma possível aposentadoria e sua vitalidade.

Posteriormente, voltamos ao palco, com Zeca Pagodinho e sua esposa conversando sobre a influência do trabalho do sambista na vida em família. Ao abordar o cotidiano em casa, Zeca fala sobre a responsável pela sua cozinha, Márcia Black, sua comadre, que também está presente no programa, em outra parte do palco destinada à cozinha, preparando um prato especial para os convidados do *Esquenta!*. Ao citar tipos de comida, algumas músicas relacionadas ao tema são lembradas e entoadas pela velha-guarda da Portela.

Em seguida, voltamos à entrevista com Lula. Regina volta a citar a visita ao Cantagalo, no que são mostradas imagens desse momento do ex-presidente conversando e interagindo com crianças. Ela afirma que sua presença naquele local já é uma grande mudança para o país. Lula concorda, dizendo que essa aproximação, na verdade, faz com que as

pessoas acreditem que uma “pessoa comum” possa exercer um cargo importante. Ele diz que este é um grande legado que vai ficar para o país.

Nesse momento, a entrevista é cortada e o programa continua no palco, com uma apresentação musical que começa com os versos “êta povo pra lutar, vai gostar de trabalhar...”. Em seguida, a apresentação é interrompida com a fala de Lula, que diz que o povo está “se achando”. Além disso, corrige o presidente Obama, afirmando que não é “o cara”, pois este é o povo brasileiro. Vemos, então, imagens de homens trabalhando.

Logo, a entrevista é, mais uma vez, interrompida para o palco do *Esquenta!* para Gilberto Gil falar que o Lula tem imagem de trabalhador. Ao voltar para mais um trecho da entrevista com o ex-presidente Lula, Regina logo o interrompe para exibir o exemplo de um senhor de idade avançada que trabalha em um hotel como carregador de malas, no que é tratado de forma bastante positiva pelo político.

A seguir, Lula pede para Zeca Pagodinho cantar “Deixa a vida me levar”, música que representa o momento em que está vivendo, no que é prontamente atendido. Assim, o programa no palco caminha para o seu encerramento. Nesse momento, Regina passa o microfone para o famoso gari Renato Sorriso, que pergunta se Lula sabe sambar. Logo, vemos as últimas cenas da entrevista, com ambos de pé, abraçados, com o ex-presidente desejando sucesso ao programa.

Já o primeiro episódio da segunda temporada, exibido em 11 de dezembro de 2011, começa com uma salva de palmas (ovação) da plateia ao som do Samba da Regina, trilha oficial do programa. A câmera, ao passear pelo público, logo encontra a apresentadora sambando no meio do palco, dizendo que estava com saudades dos seus companheiros de atração, nominando cada um deles, indicando Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Douglas Silva, Mumuzinho, os dançarinos, as crianças e o público.

Em seguida, a plateia começa espontaneamente a cantar a música *Não quero dinheiro (só quero amar)*, de Tim Maia, no que é prontamente acompanhada pela banda e pela apresentadora. Regina, então, anuncia cenas de episódios futuros, revelando alguns artistas que estarão presentes, novamente ao som da trilha do programa. Após, chama os convidados do episódio, que entram pela rampa central. São eles: Turma do Pagode, a dupla Maria Cecília e Rodolfo, o humorista Fábio Porchat, Jomard Muniz, Tanit Galdeano, a dupla Maíra e Camila e Preta Gil.

A apresentadora já começa salientando que o programa, embora seja uma “casa de samba”, possui como lema “xô, preconceito”, ou seja, que a atração aceita todos os ritmos.

Assim, pede licença para a roda de samba para trazer a dupla sertaneja Maria Cecília e Rodolfo, a fim de misturar os gêneros musicais, criando um espaço que ela denominou “pagonejo”. Regina brinca com o nome de Rodolfo, dizendo que é de “gente rica”, pois nunca conheceu nenhum pobre chamado assim, e pede para a dupla cantar um pagode, no que é prontamente atendida. Após, ressalta que a dupla, na verdade, se trata de um casal, pedindo para mostrarem as alianças de noivado.

Logo após, Maria Cecília e Rodolfo cantam uma música do seu repertório. Nesse momento podemos ver melhor a distribuição do palco, que sofreu poucas alterações desde a temporada anterior. A decoração colorida continua, assim como a mesa dos convidados, chamado de “corpo de jurados”.

Em seguida, Regina reclama que possui o júri mais animado do Brasil, mas que estes estão sentados atrás de uma mesa, de maneira muito formal (embora se trate de uma mesa de bar). Fábio Porchat inicia uma cantoria improvisada, pedindo para que as mesas sejam retiradas do local para que possam dançar, no que é seguido em coro por seus colegas. Um assistente de produção entra no palco e tira as mesas rapidamente, conforme vemos na figura 1. Regina pede um *Bateria arrebenta* para seu corpo de jurados, que samba no local central do palco. Preta Gil e Maíra também ganham um momento desses de forma individual.



Figura 1 - Retirada da mesa para aproximarmos convidados

Depois, a apresentadora pede para que Arlindo apresente sua amiga Tanit Galdeano. Regina destaca que “apesar de branquinha e morar no Leblon”, eles se conhecem do samba – ela toca chocalho. A artista destaca que é bom estar no *Esquentar!*, por este se tratar de um espaço sem preconceito. Ela também relata que não foi fácil entrar para uma bateria de escola de samba, por ter nascido em uma família privilegiada. Regina reitera que o programa é um espaço aberto a todos os públicos, que recebe a todos sem distinção.

Em seguida, Regina coloca Tanit e Maíra lado a lado. Ambas tocam chocalhos em baterias de escola de samba. A apresentadora questiona se o público, se as vissem na rua, acharia que as duas frequentam os mesmos lugares e se divertem da mesma forma, no que ouve um sonoro não. Ao dizer que as duas têm mais coisas em comum do que o olhar preconceituoso da gente é capaz de imaginar, pede palmas para ambas. Ao continuar a apresentação com o chocalho, as artistas ganham o reforço da bateria e das passistas das escolas de samba presentes no programa.

No momento seguinte, Regina, mudando de assunto, lembra a seus telespectadores que o dia de Natal trata-se de um domingo e que, portanto, o *Esquenta!* pode ser um presente para a família nessa data. Ela destaca que o jogador Neymar estará presente na atração, mostrando cenas deste cantando com os músicos do programa.

Em seguida, a apresentadora volta a falar do mundo *country*. Ela chama para o palco, então, três meninas, devidamente caracterizadas, para comentar sobre os rodeios dos quais participam. Regina pede para que elas demonstrem suas habilidades em um touro mecânico instalado no palco do programa. Outros convidados também participam.

Após voltar do intervalo, Arlindo está no palco central para cantar sua nova música, que cita diversas praias brasileiras. Regina informa que a cada semana uma moça de cada praia estará presente para sambar no programa, até que seja escolhida a “musa do litoral”. Enquanto a participante do dia dança, podemos ver os garis em seu camarote, assim como todos os convidados, sambando ao som de Arlindo.

Mudando de assunto novamente, a apresentadora traz dados de uma pesquisa que diz que os brasileiros nunca leram tanto como no momento atual – destacando que, nos últimos dez anos, o número de leitores dobrou, sendo que 46% destes são da classe C. Em seguida, Regina inaugura a “biblioteca *Esquenta!*”, no que um carrinho, parecido com os que vendem pipoca, entra pela rampa do programa, trazendo alguns livros. A apresentadora explica que a cada semana os convidados vão trazer exemplares para doar. O primeiro, trazido por ela mesma, é *O Mistério do Samba*, de Hermano Vianna, criador do programa. Ao justificar sua escolha, ressalta que o esse ritmo mistura diferentes mundos, ricos e pobres, brancos e pretos, morro e asfalto. Ela também salienta que o povo não lê mais livros por falta de acesso. Assim, é chamado ao palco um professor de Mato Grosso do Sul, que teve a iniciativa de criar uma “gibioteca”, para falar sobre a sua ideia.

Regina aproveita o momento e indaga seu elenco infantil sobre seus gibis preferidos. Para fechar o assunto, entram pela rampa do programa os personagens da Turma da Mônica

para dançar com as crianças. Por fim, a apresentadora ressalta que ler não precisa ser “coisa de rico”.

Na sequência, cantam juntos Turma do Pagode e Maria Cecília e Rodolfo. Após ser questionada sobre misturas de ritmos, Maria Cecília lembra-se do período anterior ao início de sua carreira, em que cantava com uma amiga de infância. Esta entra pela rampa do *Esquenta!*, surpreendendo Cecília, juntando-se a um número musical cantando com a amiga.

Ao continuar falando sobre as tradições em Campo Grande, de onde a dupla sertaneja é oriunda, Regina destaca que há um grande número de japoneses na região. Explica, então, que tal fato faz com que pratos de comida japonesa sejam “tradicionais” do local. Nesse momento, entra no palco uma apresentação de dança da cultura do Japão.

O terceiro e último bloco do programa começa com a música da Turma do Pagode. Vemos todos no palco sambando: passistas e o corpo de baile tiram os convidados para dançar. Em seguida, os convidados mostram os livros que trouxeram para a biblioteca do *Esquenta!*.

Após outra apresentação musical, Regina muda de assunto e pergunta quem da plateia é filho de empregada. Contam suas histórias uma modelo internacional e o ator Douglas Silva. A apresentadora destaca que no Brasil são 6 milhões de mulheres que trabalham como domésticas, proporcionando, assim, a outras inúmeras mulheres a saírem de casa para trabalhar e estudar. Em seguida, vai até outro espaço do palco sentar-se junto com um grupo de empregadas domésticas, para conversar sobre suas vidas. Nesse momento, podemos ver crianças sentadas no colo de suas babás, destacando que estas são uma espécie de “instituição nacional” e pede uma salva de palmas para elas.

Os últimos momentos do episódio seguem sendo sobre o mesmo tema. Assim, tem início o quadro “calourão”, que nessa ocasião, faz uma competição musical entre domésticas. Uma delas mostra-se comovida por “estar na Globo”, agradecendo pela atenção. O júri, sentado em cadeiras desordenadas – sem mesa – demonstra estar bem animado. Após cantar, uma das participantes revela que costuma frequentar bailes de *black music*, no que é acompanhada na dança por um coreógrafo e um *cabo-men* do programa. Regina termina o episódio lendo trechos de Clarice Lispector, fazendo uma homenagem a Clementina de Jesus.

O primeiro episódio da terceira temporada, exibido em 09 de dezembro de 2012, por sua vez, começa com Arlindo Cruz anunciando a volta de Regina Casé, que surge ao som do samba de abertura do programa. A apresentadora, então, fala sobre a saudade que sentiu do *Esquenta!* enquanto estava fora do ar.

No início, como de praxe, apresenta os convidados do dia. Aparecem os grupos Revelação e Paralamas do Sucesso. Regina logo avisa que a o programa terá uma convidada muito especial. Trata-se da Presidente Dilma Roussef, quem ela entrevistou para o primeiro episódio dessa nova temporada. Em seguida, seus companheiros da atração leem mensagens de famosos destinadas à Regina Casé, parabenizando-a pelo retorno do programa. Após Douglas Silva ler a mensagem do cantor Tiaguinho, o mesmo entra pela rampa cantando um dos seus sucessos, trazendo um buquê de flores para a apresentadora.

Nesse momento, podemos ver que o palco, apesar de algumas atualizações, continua praticamente o mesmo. Os garis estão em seu camarote especial e o elenco fixo permanece mesclado ao elenco de convidados, todos muito próximos à plateia. Também é possível observar que todos os bailarinos, assim como o elenco fixo e as crianças estão usando roupas com temas florais.

Assim, fica claro que houve uma mudança significativa nos figurinos, que refletiu no cenário. Se antes o elenco fixo usava roupas comuns, agora todos estão seguindo uma temática. O mesmo vale para o palco, que não abandonou sua principal característica – o colorido.

Em seguida, Regina traz o florista Vic Meirelles para falar sobre arranjos de flores. O artista tem uma relação próxima com a apresentadora e diz que prefere ser chamado de florista, em vez de *flower designer*. Ela o apresenta a outro profissional do ramo, Garibaldi, com quem também tem uma relação íntima. Ao questioná-los sobre as flores da moda, diz que sente falta do tipo Palmas, revelando que eram frequentes na casa da sua avó. Fábio Porchat revela que flores também o remetem a sua avó. Após, Regina conta que Garibaldi é um grande sambista, no que Arlindo canta uma música pedida por ele.

Logo após, a apresentadora pede para Arlindo apresentar os dois novos integrantes da roda de samba do programa: Péricles e Xande de Pilares. A apresentadora, então, toma distância e corre para abraçar Péricles.. Péricles, então, canta uma música, à pedido do jogador Dedé, presente no programa, junto com Wagner Love, que samba acompanhado por Regina.

Em seguida, a apresentadora muda de assunto e pergunta para a plateia se alguém tem um parente ou amigo com algum tipo de deficiência. Assim, mostra cenas da temporada anterior, em que estiveram Juliana, uma cadeirante grávida; Rosa, uma mulher com paralisia e que utiliza um respirador; dois meninos cegos que tocam instrumentos do samba; e Nathália, uma menina cega, que posteriormente se torna parte do elenco fixo da atração. Regina salienta

que não convidou nenhuma dessas pessoas para vir ao programa pela primeira vez, e que, portanto, elas vieram por conta própria. Segundo ela, isso a deixa muito feliz, pois a faz acreditar que esses indivíduos tenham comparecido por entender o *Esquentar!* como um espaço para todos. Nathália corrobora com esse discurso, dizendo que o programa é um lugar em que não importam as dificuldades ou deficiências, pois ali é o momento para se divertir, independente dos problemas.

Dessa forma, Regina traz ao programa Dra. Lúcia, especialista em reabilitação, da Rede Sarah para falar sobre a instituição e o seu trabalho. Logo em seguida, são exibidas cenas externas da entrevista que a apresentadora fez com a Presidente Dilma, no hospital Sarah, com a presença da Dra. Lúcia. Regina começa falando sobre sua crença de que a televisão pode contribuir para tornar a vida das pessoas melhor.

Nesse momento é possível ver imagens tanto da apresentadora quanto da presidente interagindo com crianças na reabilitação. Dilma elogia o trabalho realizado pela instituição, enfatizando que o Brasil é capaz de ser exemplo para o mundo. Além disso, destaca que o atendimento do local é público, no que Regina salienta que é um ambiente que recebe todas as classes sociais.

Logo em seguida, o programa retorna para o palco para que Hebert Viana, cantor que ficou paraplégico em um acidente, fale sobre sua experiência de reabilitação e questões que envolvem a “aceitação do diferente”. Depois disso temos números musicais de Paralamas do Sucesso e Tiaguinho.

Voltando ao assunto de pessoas com deficiência, Regina vai ao canto da plateia conversar com uma menina que possui uma prótese na perna. Enquanto a apresentadora mostra a “arte” – é possível ver uma fada desenhada na prótese –, a menina destaca que deficientes também usam sapatos de salto alto. Também diz que é atleta paralímpica e samba com desenvoltura no meio do palco. Seguindo, temos no centro do palco atletas paralímpicos brasileiros, que dançam ao som da música “Sou o que sou”, de Preta Gil.

Depois, o elenco fixo se reveza, mais uma vez, para ler mensagens de pessoas famosas parabenizando Regina pela volta do programa. Em seguida, a apresentadora surge sentada no colo de Wagner Love falando da paixão dos brasileiros pelo futebol e pelo samba e pede para seus músicos improvisarem um partido alto sobre o tema.

Tendo o samba com gancho, voltamos à entrevista da Presidente Dilma que, ao ser questionada, diz que gosta bastante do ritmo. Ela relembra uma ocasião em que estava no sambódromo e um dos garis a tirou para dançar.

Ao voltar do intervalo, temos mais uma apresentação musical de Mumuzinho e Tiaguinho e, logo após, voltamos para a entrevista com Dilma. Ela fala sobre o preconceito e questão racial no Brasil, aproveitando para comentar sobre a política de cotas e o Bolsa Família⁸.

Voltando para o palco do programa, Regina mostra o grande número de pessoas com deficiência que foi convidado para participar da reestreia do *Esquenta!*, sendo que muitos deles já tinham vindo em edições anteriores. Ela aproveita para conversar com uma anã, passista de escola de samba, que fala sobre seu namorado e filho, que não têm o mesmo problema.

Após música, Regina vai até outro canto do palco para conversar com uma família diferente, de uma mãe cadeirante, cujo marido caminha normalmente, que deu à luz a uma menina. Ela traz o ponto de vista de que as diferenças, na verdade, juntam as pessoas, em vez de separá-las.

Em seguida, Regina revela dados que dizem que quase um quarto da população sofre de algum tipo de deficiência e, que, portanto, devemos aceitar o diferente e respeitar as diferenças. Ela destaca que acessibilidade é fundamental, mas que ainda precisa ser melhorada no Brasil.

Dra. Lúcia, então, sentada no centro do palco com Regina, dá dicas de segurança para evitar acidentes. Ela comenta o uso da motocicleta no país, que é um grande causador de acidentes. A apresentadora aproveita para chamar ao palco alguns cadeirantes, que entram pela rampa do *Esquenta!*. Eles questionam o tamanho das portas dos banheiros, que geralmente são menores, sem motivo aparente.

Nesse momento, voltamos para a entrevista com a Presidente, que fala sobre as casas adaptadas do *Minha casa, minha vida*⁹. Regina fala que muitos recursos estão disponíveis, como o financiamento de cadeiras de roda e de impressoras em braile, mas que são poucas as pessoas que têm essa informação. Dessa forma, ela pergunta para Dilma sobre o papel da televisão como serviço, em relação à educação, que responde que a TV tem esse benefício de aproximar as pessoas, por meio da informação.

Após apresentações musicais dos Palralamas do Sucesso, o programa continua com Regina conversando com outra família, cujo filho nasceu com paralisia cerebral. O pai,

⁸ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa do Governo Lula (2003) de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.

⁹ O Programa Minha Casa Minha Vida é um programa do Governo Federal em parceria com os estados e municípios, gerido pelo Ministério das Cidades e operacionalizado pela CAIXA, cujo objetivo é a produção de unidades habitacionais destinadas à família de baixa renda.

sabendo que o menino gostava de futebol, inventou uma bota especial para que pudessem jogar juntos – o que vemos enquanto Tiaguinho canta um dos seus sucessos.

Em seguida, voltamos para mais um trecho da entrevista com Dilma, que fala sobre o desenvolvimento do Brasil e o crescimento da classe C. Ela também diz que vai adotar os lemas do *Esquentar!*. O programa se encerra com uma declaração de agradecimento de Estevão Ciavatta, diretor do programa e marido de Regina, pelo apoio recebido em sua reabilitação – ele sofreu uma grave queda de cavalo. No fim, todos sambam com alegria no palco.

O primeiro episódio da quarta e atual temporada começa com o palco do programa às escuras, iluminando, aos poucos, o elenco fixo de músicos. Assim, um a um, vão cantando trechos de músicas relacionadas à volta da atração e à saudade. O primeiro a aparecer é Péricles, cantando “Estou de volta para o meu aconchego...”. Em seguida, aparece Xande, com “Eu tô voltando pra casa...”. Nessa mesma ideia, surgem Arlindo Cruz, Mumuzinho e Leandro Sapucahy. Regina Casé, por sua vez, surge de um elevador instalado no fundo do palco, juntando-se aos músicos com “Foram me chamar, eu estou aqui, o que é que há”. Suas primeiras palavras fazem referência à “família *Esquentar!*”, no que diz que estava com saudade de todos. Também comentou que encontrava diferentes pessoas na rua que reclamavam da ausência do programa, para em seguida dar um abraço especial em Péricles, para “matar a saudade”.

Após, Regina apresenta os convidados que estarão presentes na atração. São eles: Moraes Moreira e Davi Moraes, Lala Rudge, Pedro Scooby, Mc Laís, Carolina Dieckman e Filipão. A apresentadora também chama Zeca Pagodinho, cantor do tema de abertura do seriado *A Grande Família*, que entra juntamente com o elenco do *sitcom*. Depois de Zeca cantar, Regina faz uma entrevista bastante descontraída e bem-humorada com os integrantes d’*A Grande Família*. Recebe cada um com um abraço, interagindo e abrindo espaço para todos falarem. O assunto é a última temporada do seriado, destacando as características de cada personagem no que diz respeito ao âmbito familiar. Ao final, pede um *Bateria Arrebenta* para a personagem Bebel.

Seguindo no assunto *família*, Regina chama Moraes Moreira e seu filho Davi para falar sobre os Novos Baianos, grupo que Moraes fazia parte nos anos 60. Enquanto falam sobre a experiência do conjunto na época em que moravam em uma comunidade, são mostradas imagens do documentário *Filhos de João – O admirável mundo novo baiano*, de Henrique Dantas, com trechos sobre a história da banda. Regina também chama o pesquisador

José Marcelo Zacchi para falar sobre a relevância do grupo e daquele movimento musical para a cultura brasileira. Arlindo relata como foi o seu primeiro contato com a música dos Novos Baianos. Moraes, logo após, canta uma de suas músicas, no que é acompanhado pelos outros músicos e pelo DJ do *Esquenta!*. Nesse momento temos uma visão mais ampla do cenário, que exhibe muitas telas que passam imagens dos integrantes do elenco.

Logo após, Regina recebe um “pacote”: uma pessoa embrulhada em uma embalagem, cuja identidade logo será revelada. A apresentadora questiona se alguém da plateia adivinha de quem se trata, no que uma participante acerta. Ao abrir o plástico, então, temos o ator e comediante Luis Lobianco – o novo integrante do *Esquenta!*. Luis, que é recebido com um *Bateria Arrebenta*, fala sobre família e suas expectativas à respeito da sua participação.

Mais adiante, Regina fala sobre as alterações do cenário, anunciando que este irá mudar a cada semana. Ela também discorre sobre o figurino que o elenco está usando. Cada integrante veste uma roupa que faz uma referência a si mesmo, com a estampa da sua própria imagem. Assim, Regina veste Regina, Mumuzinho veste Mumuzinho, Luane veste Luane, e assim por diante. Carolina Dieckmann se manifesta, dizendo que também gostaria de estar usando esse figurino e que sentiu saudade do programa. A figura 2, mostra uma imagem da segunda e da quarta temporadas, respectivamente. Nela, podemos ver a alteração no figurino da apresentadora, que antes utilizava roupas “normais” e agora veste peças especiais, de acordo com o tema do episódio.



Figura 2 - A evolução das roupas do programa: a partir da terceira temporada os figurinos ganham unidade de acordo com o tema

Partindo das roupas auto-referenciais, o próximo tema a ser abordado é a moda *selfie*. Para tal, a apresentadora traz Lala Ruge, blogueira especialista em moda e beleza, que fala sobre

esse novo hábito de tirar foto de si mesmo, além de dar dicas. Ronaldo Lemos, atendendo aos pedidos de Regina, entra na conversa para trazer curiosidades sobre o tema. Ele fala sobre um estudo americano sobre as *selfies*, que mapeou as fotografias pelo mundo. De acordo com seu relato, os brasileiros são os que mais sorriem em *selfies*, assim como as brasileiras são as que mais inclinam a cabeça nas fotos. Lala complementa o assunto e tira uma *selfie* com Arlindo e Péricles. Uma integrante da banda do programa interrompe para “denunciar” seu colega, que utiliza essa moda em demasia.

Partindo da *selfie*, Regina aborda outro elemento relacionado com as fotos, que são as *hashtags*. Ronaldo volta para explicar a utilização das *hashtags* e sua evolução. A apresentadora aproveita para presentear Lala com uma camiseta da sua própria marca, em que se lê *Look do dia – a hashtag* mais utilizada pela blogueira. Nesse momento, Arlindo pede licença para improvisar um samba de partido alto relacionado ao tema, cantando sobre *whatsapp*, *hashtags*, e-mails e outros assuntos relacionados à tecnologia e à internet.

Depois, Regina chama para entrar no palco o técnico da seleção brasileira Felipão, que veio acompanhado por Parreira e Paulo Paixão, membros da comissão técnica. Eles falam sobre o grupo de jogadores e a preparação para a Copa. Depois de rápidas palavras, os três convidados dançam ao som do samba-enredo da Salgueiro. Regina destaca que o Felipão gosta do *Esquenta!* e que vai permanecer durante todo o programa. Antes de ir para o intervalo comercial, temos a nova abertura do programa. Pela primeira vez em quatro temporadas, a abertura muda completamente. A animação é muito mais tecnológica, afastando-se completamente das características rústicas. Contudo, o colorido intenso permanece.

Ao retornar, a entrevista com Felipão continua, tendo como temas família, fé e educação. Regina chama Alê Youssef para falar rapidamente sobre educação e as responsabilidades do Estado.

Após uma apresentação de Zeca Pagodinho, Regina toca em assunto mais sério. Partindo da educação, discorre sobre a democratização do país, ressaltando que estamos em ano de eleições. Assim, estreia um novo quadro, intitulado *O que queremos para o Brasil?*. Com imagens de fora do palco, traz Gilberto Gil para refletir e responder à pergunta. A apresentadora repete a questão para os outros convidados, como Moraes Moreira e Felipão.

Em seguida, mudando de assunto, Regina pergunta se alguém conhece o “funk rasteirinha”. Alê Youssef explica as origens do ritmo, seguido de uma apresentação da MC Laís, representante desse gênero musical. Nesse momento, é possível vermos todos os integrantes e convidados dançando, tentando fazer os passos da coreografia.

Mais adiante, a apresentadora retorna ao tema principal do programa, partindo do grupo formado pelos Novos Baianos, que se trata de uma “família diferente”, de irmãos que não são de sangue. José Zacchi fala sobre as novas organizações familiares, no que Regina destaca que o novo censo do IBGE considerou como família pais homossexuais, por exemplo. Para dar um depoimento sobre esse assunto, a apresentadora vai até a plateia e senta ao lado do público para falar com uma chefe de família sobre dinâmica familiar e a questão da mulher.

Em seguida, Regina reúne todo o público no centro do palco do programa para falar sobre a sua própria família. Com a voz embargada, conta sua história de vida, dizendo que ao final da temporada anterior tinha ganhado um presente. Assim, ela apresenta seu filho, Roque, como o novo integrante da família *Esquenta!*. A criança entra no palco nos braços do pai e logo passa para os da mãe, que agradece o apoio dos amigos. Em meio a demonstrações de carinho, o pai Estavão fala sobre os desejos para o futuro do seu filho.

Na volta do intervalo, temos mais uma apresentação de música, com todos dançando. Em meio a uma conversa descontraída sobre *selfies* novamente, Regina traz para o centro do palco Luane Dias, que virou integrante fixa do elenco. Participante desde a temporada anterior, Regina anuncia que agora Luane ganhou um quadro no programa chamado “*Hashtag Luane*”. Destaque para a “vinheta viva” do quadro, em que três bailarinos, juntos, se transformam em uma *hashtag* (o que pode ser visto na figura 3). Nesse momento, Luane analisa *selfies*, sempre de forma ácida e divertida, criando uma *hashtag* para elas.



Figura 3 - Inovação no palco: "vinheta viva"

Após, Regina volta com o quadro *O que queremos para o Brasil?*, agora com a opinião de um professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. A apresentadora faz a mesma pergunta para o seu “elenco intelectual” – Alê Youssef, Ronaldo

Lemos e José Zacchi – aproveitando para divulgar o novo programa deles na *Globonews*, chamado *Navegador*. Tal iniciativa surgiu a partir do encontro proporcionado pelo *Esquenta!*.

Mais adiante, Felipão distribui camisetas da seleção brasileira, que ele trouxe de presente, tanto para a plateia, como para o exemplo fixo – estas com o nome dos integrantes. Após responder mais perguntas da Regina, o técnico é ovacionado pelo público.

Após, a apresentadora volta a sentar no meio da plateia, para falar com uma família que passou por dificuldades relacionadas à saúde. Três irmãs nasceram com uma doença extremamente rara nos rins, mas receberam a doação do órgão, por parte da família. Dessa forma, o *Esquenta!* chama a atenção para a importância da doação de órgãos.

Por fim, depois de um número musical, Regina surge com Roque no colo, encerrando sua fala sobre família. Finaliza dizendo que o *Esquenta!* está de volta e que ficará no ar durante o ano inteiro, terminando o programa com outro número musical, como sempre.

4.3 A CASA E A RUA NO PROGRAMA

Independente das mudanças de cenário entre as temporadas, a principal característica do palco do programa não foi alterada, ou seja, a dinâmica da disposição do espaço manteve-se a mesma. À primeira vista, podemos dizer que Regina Casé não fez distinção entre seus variados públicos. Se o espaço é uma mesa de bar ou um sofá, a apresentadora coloca pessoas do povo, desconhecidas ou não, e famosos, consagrados ou não, lado a lado.

Contudo, vale frisar que essa é uma estratégia de valorização do povo. No *Esquenta!* não existe hierarquia; a distribuição dos convidados não obedece nenhuma ordem rígida. Logo, Regina, ao permitir que uma pessoa comum possa expor seus entendimentos como qualquer celebridade, não faz juízo de valor das opiniões reveladas. Dessa forma, possibilita não apenas o espaço de fala assim como também incentiva a troca de ideias. Vale ressaltar também que essa falta de hierarquia é uma característica de *casa*, já que na família é onde as pessoas têm maior liberdade para expor seus pensamentos.

Sendo assim, a atração desmistifica a imagem de que a elite é quem possui o monopólio do saber e do poder e que, conseqüentemente, o povo é desprovido de conhecimento. Essa é uma visão que o Núcleo Guel Arraes tenta desconstruir em suas produções, principalmente no que diz respeito às atrações comandadas por Regina Casé.

Ao abrir esse espaço diferenciado, o programa mostra uma imagem diferente do que é comumente mostrada na televisão. Assim, podemos ver que o povo não é uma massa inculta e passiva e que a elite, portanto, não é a única parte da população que pode representar a intelectualidade do país. Logo, o saber popular também tem valor e não pode ser visto em detrimento da cultura considerada erudita.

No início da atual temporada, a apresentadora, ao relatar que encontrou diversas pessoas que pediam para a atração voltar ao ar, destacou que “tanto grã-finhas como mendigos sentiam falta do *Esquentá!*”. Tal aspecto evidencia mais uma vez que o programa é um espaço tanto da elite como do povo. Essa ideia é reforçada pelos convidados, que vêm tanto da classe dita erudita, como Alê Youssef, Ronaldo Lemos e José Zacchi, por exemplo, como da classe popular, o público em geral.

Contudo, vale destacar que, aqui, a elite não é apenas aquela que mantém o monopólio do saber e do poder. Os pesquisadores do elenco estão ali para dividir e propagar seus conhecimentos com todos. Além disso, o saber popular também é valorizado, tendo o seu espaço nas falas das pessoas comuns. O *Esquentá!*, dessa forma, mostra que o povo não é uma massa vazia de conteúdo e, sim, têm muito a acrescentar nas discussões relevantes para o país.

Entre os recursos utilizados para a valorização do povo é exatamente essa mistura e intercalação de conteúdos. Se o telespectador estava assistindo ao programa para ver seu artista preferido, por exemplo, na cena seguinte ele pode assistir a um debate sobre um tema que em outra ocasião não o faria ligar a TV. Contudo, os assuntos são tratados de forma respeitosa, o que garante a qualidade da abordagem.

No episódio analisado da segunda temporada, temos um momento que Regina se junta a um grupo de domésticas para conversar sobre a realidade vivida por elas. Porém, vale destacar a maneira como é iniciada a discussão. A apresentadora estimula que o telespectador pense sobre sua relação com essa classe trabalhadora, para então dar voz a ela, de maneira que seja mais ouvida do que seria em outra oportunidade. Além disso, ao possibilitar esse diálogo, nos é proporcionada uma reflexão sobre a realidade em que estamos inseridos.

Nesse sentido, podemos destacar o lema do programa que diz que “o que o mundo separa, o *Esquentá!* junta”. Se a realidade não permite que determinadas pessoas troquem informações ou frequentem o mesmo local, essa barreira é quebrada pela atração. Um exemplo dessas “misturas improváveis” promovidas por Regina – que, são comuns no programa – é a apresentação de Tanit Galdeano e Maíra, oriundas do bairro mais rico e da

periferia do Rio de Janeiro, respectivamente. Na figura 4, temos um exemplo dessas interações entre elite e povo. Na primeira imagem, vemos Tanit e Maíra tocando seus instrumentos juntas; na segunda, o jogador Wagner Love dançando em meio aos bailarinos do programa; e na terceira, o sofá da atração sendo ocupado por famosos e indivíduos comuns, compartilhando o mesmo espaço.



Figura 4 - Elite e povo interagindo e dividindo o mesmo espaço no programa

E é de acordo com esse pensamento de valorização do popular que a apresentadora constrói espaços em seu programa. Desde a primeira temporada temos o “camarote dos garis”. O camarote, nesse caso, não significa necessariamente a segregação de ambientes, mas sim a “área vip”, um local de *status*. Se fora do *Esquenta!* os frequentadores de camarotes se resumem a pessoas com alto poder aquisitivo, no programa esse local foi ocupado por uma parte marginalizada da população, que na maioria das vezes é ignorada pelas elites, sendo pouco reconhecida. Dessa maneira, podemos dizer que esses profissionais da *rua* se sentem em *casa*, tendo em vista a compreensão com que são assistidos no programa.

Ainda no que diz respeito ao cenário, temos a rampa como um dos elementos principais do programa. Embora modificada ao longo dos anos, permanece até os dias de hoje. Além de facilitar a circulação de pessoas, tendo em vista que se estende pelos vários espaços da atração, não podemos esquecer que se trata de símbolo de acessibilidade. Em outras palavras, a rampa tem como função facilitar o acesso de todos sem discriminação. Desse modo, podemos dizer que a rampa funciona como uma ferramenta que facilita o acesso ao ambiente da casa, na medida em que abre caminhos para convivência e interação entre pessoas que não se conhecem.

Ademais, podemos destacar que a rampa também funciona como uma espécie de passarela. Nesse sentido, quando um convidado entra por ela, ele tem sua individualidade valorizada, já que não é costumeiro vermos uma pessoa comum, por exemplo, chegar desfilando por uma rampa em um programa da Rede Globo.

Tendo em vista que a *casa* é o espaço em que o indivíduo é ressaltado, temos um elemento criado pelo programa bastante representativo dessa configuração – o *Bateria Arrebenta*. Tal ação serve para dar destaque positivo a pessoa, independente de quem ela seja, oferecendo, assim, um momento de descontração, individualidade e valorização.

Ao trazer a dupla Maria Cecília e Rodolfo, a apresentadora não só dá visibilidade ao sertanejo, mas também ao Estado do Mato Grosso do Sul, que não faz parte do “centro”, ou seja, que não faz parte do principal eixo emissor dos meios midiáticos. Nessa linha, tivemos programas em que o ritmo principal era a música gauchesca, o carimbó, o tecnobrega, o frevo, o reggae, o forró, o xaxado, a música clássica e diversos outros. Embora menos comum, Regina trouxe algumas vezes artistas de outras partes do mundo, a fim de divulgar e popularizar outros ritmos no país.

Assim, podemos dizer que a ideia do *Esquenta!* de promover encontros não se refere somente a pessoas. Na atração é comum vermos misturas musicais. A apresentadora estimula a interação entre cantores e grupos de diferentes gêneros, de maneira a conhecerem, cantarem e – principalmente – misturarem seus ritmos. Isso ficou mais evidente na atual temporada, com o quadro *Visita Musical*. Nele, dois artistas de ritmos e lugares distintos do Brasil visitam a cidade e participam do show um do outro. O resultado dessa mistura é visto no palco, geralmente com uma música feita em parceria pelos artistas.

Ainda no que se refere ao samba, mesmo este sendo um ritmo popular, ele é dançado no palco do programa por todos, ou seja, não é exclusivo do povo. No *Esquenta!*, a elite também samba e dança funk. Isso faz com que o estereótipo de que é um gênero “inferior” tenha a necessidade de ser revisto.

Nessa parte, podemos dar destaque à música de abertura do programa, cuja letra é de Arlindo Cruz. Vejamos o trecho inicial:

“Alô regina!
É tão gente fina que sabe chegar
Em qualquer esquina
Lá na cobertura, na laje ela está
É quem domina.
Porque tem a sina de ser popular... alô
Alôôô rainha
Se vai ter churrasco, feijão, vatapá
Vai pra cozinha.
Tem coisa gostosa de todo lugar
Traz a farinha!
O camarão seco, o jambu eo fubá
E faaaaaaz verão
E hoje é domingo

Dia que o povão... agita!”¹⁰.

Nos sete primeiros versos fica explícita a facilidade com que a apresentadora circula por espaços diferentes, como a laje e a cobertura. Também é evidente que se trata de locais frequentados por públicos de classes distintas, como o povo e a periferia, respectivamente. Sobre os versos seguintes, podemos dizer que retratam o “domingo em família”, dia de descanso e diversão e de fazer refeições com pessoas próximas.

Além disso, temos presente os elementos culinários da cultura popular brasileira, como o churrasco, o feijão e o vatapá – que, vale frisar, são de diferentes regiões do país. Logo, é possível inferir que o trecho apresentado retrata de forma satisfatória a proposta do programa, abrangendo questões como classes sociais e espaços.

Podemos dizer, também, que o sentimento de proximidade é uma característica do programa. Regina Casé se mostra sempre muito próxima de seus convidados, independente do contexto em que eles estão inseridos. Um elemento bastante presente no programa é a família (ou familiaridade).

Já no primeiro episódio da atração essa relação é explícita. Gilberto Gil está junto com sua filha, Preta; Zeca Pagodinho está com sua esposa e sua comadre, que é cozinheira de sua casa; o pedreiro convidado por Regina é seu amigo de longa data. Na estreia da segunda temporada, vemos várias “famílias diferentes”, com casos de algum tipo de deficiência. Até mesmo a anã, que contou sua história espontaneamente, estava acompanhada por seu parceiro e filho. Já no primeiro episódio do quarto ano, temos Moraes Moreira junto com seu filho Davi Moraes, com quem cantou diversas músicas. Maria Cecília cantou com sua melhor amiga, que não é cantora. Além disso, diversas famílias de gente comum vieram contar suas histórias no programa. Regina trouxe seu marido e seu novo filho para apresentar ao Brasil (figura 5). Felipão foi tratado como “pai” dos jogadores da seleção. O elenco da *Grande Família* falou sobre as famílias brasileiras.

¹⁰ Fonte: <http://letras.mus.br/arlando-cruz/1834406/>. Acessado em 15 jun. 2014



Figura 5 - Regina apresentando seu filho e todos reunidos na família Esquenta!

Nos demais programas, é comum vermos os convidados trazerem seus familiares para assistir ou até mesmo participar. Esse comportamento é incentivado pela própria apresentadora, que faz questão de dar destaque às famílias. Regina trata a todos, elenco, plateia e telespectador como parte da “família *Esquenta!*”. Esse é o tom estabelecido que permeia todas as temporadas. Com isso, reforça-se a ideia do programa como *casa*.

Vale ressaltar, ainda, que o marido de Regina, Estevão Ciavatta, é diretor do programa. Os outros membros da produção são conhecidamente seus amigos, com quem tem uma relação de longa data. Também é comum vermos sua filha, Benedita, em diversos episódios. Nesse sentido, podemos ressaltar, ainda, que a apresentadora é “madrinha” de muitos artistas que participam na atração. Tanto essa é uma característica relevante do programa, que *família* é a temática principal do primeiro episódio da quarta temporada. Logo, é um assunto recorrente, que perpassa, de modo geral, todos os episódios, e que reforça a ideia de TV de grupo.

A família, então, como já mencionado, é uma das características relacionadas à categoria *casa*, proposta por DaMatta. De acordo com o autor, a casa é o ambiente da família, ou seja, um lugar de tranquilidade e hospitalidade. Pode-se dizer, assim, que o *Esquenta!* é um programa em que Regina, assim como seus convidados e telespectadores, se sentem em casa. A falta de organização, tanto do espaço como da sequência de atrações, assim como o espírito alegre, remetem ao ambiente familiar. Logo, a bagunça que vemos na tela muito lembra a desordem da nossa casa. O próprio clima do programa é o de reunião entre amigos e família, que é muito parecido com os nossos costumes familiares aos domingos.



Figura 6 - O Esquenta! é um lugar de família

Na figura 6, temos um exemplo dessa “familiaridade” presente no programa. Cada imagem corresponde a uma temporada. Na primeira, temos Zeca Pagodinho na cozinha, com sua comadre; na segunda, a cantora Maria Cecília, cantando com sua amiga de infância; na terceira, pai e filho contando suas histórias; e na quarta, os cantores Moraes Moreira e Davi Moraes, pai e filho, cantando juntos.

Na estreia da quarta temporada, Regina trouxe o cantor Zeca Pagodinho, lembrando que este participou do primeiro episódio do programa, há quatro anos. Ela o chama de “pé de coelho”, ou seja, o comparando com um elemento do folclore popular que é conhecido por trazer sorte. Dessa forma, a apresentadora deixa clara a ideia de que ele tem seu espaço na “família *Esquenta!*”, sendo sempre bem-vindo. Nesse sentido, podemos até mesmo fazer uma relação com o dito popular que diz que “o bom filho à casa torna”.

Regina Casé, ao apresentar ou ao se dirigir aos seus convidados, os trata de forma íntima, reforçando a ideia de familiaridade. Ao apresentar Pedro Scooby, por exemplo, na atual temporada, o chama de “pai do Dom, Pedro Scooby”. Já ao apresentar a atriz Carolina Dieckmann, ela a chama de “a minha comadre, Carola”. A Dra. Lúcia, presidente do Sarah¹¹, por sua vez, é Lucinha.

¹¹ Hospital de reabilitação Sarah Kubitschek.

Ainda com relação à proximidade, temos outro elemento recorrente do programa: o abraço. Na estreia do quarto ano, Regina começa repetindo o grande abraço que dá em Péricles na temporada anterior (figura7). Esse gesto simboliza a saudade, oriunda do recesso da atração. A apresentadora, então, logo no início, pede ao músico um abraço especial. Para tal, toma distância dele, para em seguida correr em direção aos seus braços. Essa ação evidencia o sentimento de saudade, que toma conta de nós, quando estamos longe de casa.

Além disso, sempre ao falar pela primeira vez com algum convidado ou integrante do elenco, a apresentadora o recebe com esse gesto. Logo, podemos dizer que, dessa forma, é proporcionado um ambiente familiar para os convidados, fazendo com que eles se sintam “em casa”, ou seja, num espaço de valorização. Esse entendimento propicia a interpretação de que Regina se mostra bastante generosa ao tratar seus convidados com tanta individualidade, ao mesmo tempo em que deixa a impessoalidade de lado.



Figura 7 - Regina abraça Péricles para se sentir em casa

Ainda sobre a o primeiro episódio da quarta temporada, Regina conversou com indivíduos anônimos, tratando-os com a reverência de fazerem parte de uma família. Na ocasião, contaram sobre dificuldades que passaram, como o caso das irmãs com a doença rara nos rins, no que a apresentadora, emocionada, ressaltou o “poder” de uma família em superar os problemas devido ao apoio que encontram em seus entes queridos. Se em determinados momentos essas pessoas se sentiram “banidas” ou maltratadas, ali encontraram um espaço de suporte.

A *casa* proporcionada pela apresentadora faz com que os convidados se sintam acolhidos. Se na rua são subcidadãos, no conceito de DaMatta, no *Esquenta!* todos são supercidadãos. O discurso rígido da *rua* não tem vez no programa, que é um espaço de compreensão. A aceitação do diferente, tema recorrente da atração, ocorre com mais facilidade na *casa*.

Ainda no que diz respeito ao espaço da *casa*, é comum ouvirmos Regina dizer que adora “penetrar” no programa – o que acontece diversas vezes. Geralmente é alguma celebridade que está em outro estúdio da Globo e que aproveita para passar na atração. Nesses casos, elas costumam ser recebidas com um *Bateria Arrebenta*. O penetra, que aqui é sempre bem-vindo, é conhecido por ser um sujeito que também costuma aparecer nas nossas casas sem aviso, principalmente no final de semana, quando estamos reunidos com amigos e familiares.

No que diz respeito à cordialidade com que trata seus convidados, Regina se refere carinhosamente ao seu “elenco intelectual” – Alê Youssef, Ronaldo Lemos e José Zacchi – chamando-os de “meus cabeçudos”. Assim, é evidenciada, novamente, a habilidade da apresentadora em tratar seus companheiros como figuras queridas.

Ainda sobre a proximidade com que trata as pessoas, podemos citar as entrevistas feitas com o então ex-Presidente Lula e a atual Presidente Dilma. Embora eles não estivessem presentes no palco do programa, Regina os trata com intimidade e familiaridade, conforme vemos nas figuras 8 e 9. É como se estendesse o ambiente da *casa* do seu programa para o local das conversas.

Além disso, podemos destacar que, embora sejam figuras importantes, o tom adotado pela apresentadora é o de informalidade. Assim, Regina conversa em um clima bastante confortável e cordial. Ela interage com as autoridades “sem cerimônia”, tocando nas mãos dos entrevistados diversas vezes, os abraçando ao término da conversa.



Figura 8 - Proximidade e afeto entre Regina e Lula

Vale ressaltar, contudo, que, tanto Dilma como Lula, mesmo sendo figuras ilustres, “de *status*”, são também pessoas do povo – e/ou muito próximas dele. O ex-Presidente sempre teve sua imagem ligada ao povo que é trabalhador, assim como sempre destacou sua origem popular.

O conteúdo das entrevistas também aborda essa característica popular de ambos. Dessa forma, podemos dizer que, ao trazer figuras tão importantes como essas para os episódios de estreia, Regina busca uma espécie de legitimação da sua proposta. Logo, Lula e Dilma, de certa forma, endossam o discurso da apresentadora.



Figura 9 - - Proximidade com a Presidente do Brasil

Por fim, no que se refere ao compromisso que Regina tem com o povo, podemos citar algumas exemplos como a Biblioteca do *Esquenta!* e o incentivo à leitura promovido pelo programa. Além disso, também temos o novo quadro, intitulado *O que queremos para o Brasil?*, simbolizando, novamente, esse comprometimento. Vale ressaltar, ainda, que esse é mais um espaço de diálogo e debate – características da *casa* – que questiona exatamente os problemas da *rua*. Nessas oportunidades, é possível notarmos a preocupação com que Regina Casé trata temas relevantes para o povo.

Seguindo essa proposta, também já participaram do programa vários políticos, como Deputados Federais, Senadores e Ministros de Estado. Na terceira temporada, Regina traz o Deputado Federal Jean Wyllys, que, atendendo ao pedido de uma pessoa do público, explica como funciona a aprovação de uma lei na Câmara dos Deputados. Assim, partindo da ideia de que o placô do *Esquenta!* é uma espécie de grande plenário, foram encenados todos os passos de uma votação, de maneira bastante didática.

Ao longo dos anos também estiveram presentes a ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil, Luiza Helena de Bairros, que conversou sobre a aprovação da Lei de ensino da história negra nas escolas. Já na atual temporada tivemos a Ministra da Cultura, Marta Suplicy, que estava junto com seu marido e filhos (novamente a questão da família). Ela falou sobre os preconceitos em relação à cultura popular e o Vale Cultura¹².

Referente às questões mais estéticas, destaca-se que as cores intensas do palco da atração são a marca registrada do programa. Contudo, é possível notar que os tons se suavizam ao longo dos anos, conforme pode ser visto na figura 10. O colorido permanece, porém ganha mais detalhes – o que faz com que se torne menos “gritante” aos olhos. O cenário, assim, ganha em elegância.

¹² O Vale-Cultura é um benefício vinculado ao Programa de Cultura do Trabalhador, criado pelo Governo Federal para os trabalhadores brasileiros, cujo objetivo é garantir meios de acesso e incentivar a participação nas diversas atividades culturais desenvolvidas no Brasil.



Figura 10 - A evolução no palco do programa: da mesa de bar ao sofá, do colorido saturado ao colorido tecnológico

Sobre o colorido, pode-se afirmar que esse faz uma clara referência ao carnaval. O *Esquenta!* é uma grande festa e, como tal, precisa exibir um ambiente vívido. Além disso, o cenário, com o passar do tempo, ao ganhar cada vez mais detalhes, faz com o telespectador tenha muito o que olhar.

Sendo assim, especificamente sobre o programa, foi possível constatar que a cenografia sofre uma evolução da primeira até a atual temporada. Os dois primeiros anos foram mais homogêneos, ocorrendo mudanças mais significativas na terceira temporada. Entre elas, podemos destacar que a atração ganhou um tema por semana, o que levou ao aprofundamento das questões debatidas. Além disso, o figurino seguiu essa tendência. A partir dessa temporada, as roupas utilizadas pelo elenco fixo seguem a mesma temática.

O quarto ano, por sua vez, devido aos elementos incorporados, se tornou mais tecnológico. Tal fato pode ter tido influência do “elenco intelectual” do programa. Além disso, a disposição do palco mostra alterações à cada semana – o que demonstra, novamente, o lado “experimental” e fluido do programa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar o programa *Esquenta!*, partindo dos conceitos de *casa* e *rua*, assim como de que maneira elite e povo aparecem na atração. Dessa forma, procurou-se identificar os recursos utilizados dentro da ideia de experimentação, tendo em vista tratar-se de uma produção do Núcleo Guel Arraes.

Assim, foram examinados os episódios de estreia das quatro temporadas do *Esquenta!*, nos quais procurou-se estabelecer as relações existentes entre as categorias sociológicas e a atração. Para esse fim, montou-se uma tabela na qual ficavam demonstradas as características a serem analisadas.

O *Esquenta!*, por ser uma criação do Núcleo Guel Arraes, faz parte de uma proposta cujo objetivo é diferenciar-se da maioria dos programas da televisão brasileira, por meio de uma liberdade de experimentação. A atração apresenta recorrências apontadas por FECHINE (2008), como a *montagem expressiva*, preenchendo a tela com muitos detalhes, e a *auto-referencialidade*, tendo em vista as citações de trabalhos anteriores de Regina. Também podemos destacar o *apelo à inversão*, categoria bastante presente no programa, no que podemos dizer que um dos fatores que melhor diferencia o *Esquenta!* de os demais programas de TV é exatamente essa alteração do lugar de fala, que dá bastante destaque às pessoas do povo. Isso é evidenciado, por exemplo, pela existência do “camarote dos garis” e pela disposição do palco, que mistura povo e elite.

Dessa maneira, pode-se inferir que a atração cumpre com o seu objetivo de ser uma proposta inovadora, assim como acaba por atualizar os formatos televisivos. Sendo assim, torna-se referência nos que diz respeito à TV de qualidade, principalmente no que diz respeito à abordagem que faz da sociedade.

Sabendo isso, partindo das questões trabalhadas nos capítulos anteriores, analisou-se as estratégias adotadas pelo programa para representar a sociedade brasileira, e ao mesmo tempo subverter suas regras de separação entre as classes e os espaços que cada um ocupa. Assim, com essa pesquisa, foi possível inferir que o *Esquenta!* tenta se aproximar ao máximo das características relacionadas à *casa*, ao mesmo tempo em que procura se afastar de as da *rua*. Esse aspecto é evidenciado pela recorrência, por exemplo, de elementos como a família, a familiaridade, a proximidade e a valorização e o compromisso com o povo. Também nota-se o afastamento da impessoalidade, do discurso rígido e da exclusão de pessoas. Tal pensamento se dá a partir do entendimento de que o programa é um espaço que recebe a

todos, tratando-os de forma igualitária, constituindo, portanto, um local de diálogo e de hospitalidade.

Por outro lado, é possível identificar também que a atração traz discussões relacionadas à *rua* para o palco do programa, abordando os temas sempre de maneira compreensiva. Se na *rua* impera a impessoalidade, no *Esquenta!* o indivíduo não é tratado como anônimo, ou seja, sua individualidade é valorizada. Desse modo, podemos dizer que o programa realiza o movimento de “englobar a *rua* na *casa*”, já que trata a sociedade como uma grande família.

Nesse sentido, também podemos levar em consideração o dia em que a atração é exibida. O domingo é, geralmente, o dia em que as famílias (e amigos) reúnem-se em casa para momentos de descanso e lazer. É nessa ocasião que abrem as portas das suas residências de modo hospitaleiro e generoso. Além disso, é a situação propícia para as pessoas compartilharem refeições e conversar sobre a vida particular e os acontecimentos da sociedade, de forma descontraída. É nesse espaço, também, que os indivíduos se sentem seguros e tranquilos e que qualquer hierarquia parece ser irrelevante. Desse modo, o palco da atração pode ser entendido como uma grande sala de visitas.

Ainda no que se refere ao ambiente da *casa*, não podemos desconsiderar o elenco infantil do programa. A criançada do palco remete facilmente ao próprio ambiente caseiro, principalmente aos domingos em família, em que desfrutam da sua infância de forma mais plena. Contudo, é interessante destacar que não se trata exatamente de uma atração infantil – o que é bastante curioso, se levarmos em consideração que programas de entretenimento dificilmente têm crianças em seu elenco. Logo, vemos aqui, mais uma inovação do Núcleo de Guel Arraes e das propostas de programas da apresentadora Regina Casé.

Nesse sentido, a partir da análise, foi possível identificar uma característica relevante do programa – se não a principal – que é a questão da família e da familiaridade. É comum que os convidados, sejam eles famosos ou não, venham acompanhados por algum de seus parentes ou pessoas com quem têm bastante proximidade. Logo, vemos muitas famílias no palco. Tal recorrência explícita, novamente, a “aplicação” do ambiente da casa no programa.

Mesmo que uma pessoa esteja desacompanhada, ela se sente incluída na “família *Esquenta!*”, tendo em vista a hospitalidade com que é acolhida. Outro fator que corrobora com essa ideia é o aumento do elenco fixo ao longo das temporadas, pois, afinal, na família “sempre cabe mais um”.

Essa noção de proximidade é regida pela própria apresentadora, que trata seus convidados com intimidade, os chamando pelo apelido ou fazendo referências de maneira carinhosa. Além disso, Regina sempre se posiciona de maneira muito próxima a eles, recebendo-os de forma afetiva, com abraços, beijos e sorriso no rosto. Esse posicionamento reforça a proposta do programa, que procura valorizar os indivíduos, deixando a impessoalidade de lado.

Ainda no que diz respeito à valorização das pessoas, a atração tem um recurso interessante nesse sentido, que é o *Bateria Arrebenta*. Esse é um momento criado justamente para cumprir com essa intenção, propiciando uma ocasião destinada unicamente para dar destaque (sempre positivo), de forma alegre e descontraída, aos indivíduos.

O *Esquenta!*, ao adotar essas características, ganha em singularidade. Mesmo seguindo a linha do entretenimento, a atração não fica restrita ao divertimento, pois também estimula a reflexão dos telespectadores, chamando a atenção para temas de interesse da sociedade. Nesse sentido, podemos até mesmo dizer que o programa flerta com a área da educação.

Esse entretenimento aliado à reflexão, então, embora ainda sofra resistências e desconfianças, tem se mostrado eficiente, tendo em vista os números da audiência. Contudo, deve-se destacar que o *Esquenta!* não tem um modelo rígido, pois está sempre se reinventando. Embora o programa mantenha uma unidade, mudanças podem ser vistas a cada programa. Esse novo “estilo” tem influenciado outras emissoras, que tentam produzir algo na mesma linha, mas esbarram no entendimento da proposta e, principalmente, na dificuldade de ter uma pessoa tão próxima do povo como Regina.

O que o programa faz é colocar o povo no centro, respeitando-o e tornando-o prioridade. Essa inversão expressa as características do trabalho produzido pelo Núcleo Guel Arraes.

A partir das mudanças provocadas no programa, pode-se dizer que a atração atualiza os formatos televisivos. O *Esquenta!*, então, abou por criar esse espaço na televisão, ao qual ainda está em processo de experimentação e adaptação, procurando as melhores alternativas para abordar esse público.

Entretanto, não devemos desconsiderar que quem abre esse caminho é a Rede Globo, que é representante da elite no país. Assim, mesmo o programa tendo essa configuração mais próxima ao povo, o emissor continua sendo da classe privilegiada.

Ter Regina Casé como apresentadora com certeza diminui a distância entre esses “dois mundos”, mas não é o suficiente para uma mudança profunda das maneiras de produzir dos meios de comunicação. Contudo, vale ressaltar que Regina tem liberdade para romper diversas barreiras – e o faz – além de conseguir circular muito bem pelas diferenças. Assim, o que o *Esquentar!* faz é criar um “pedaço”. Hoje, os serviços básicos não são mais apenas água, luz e saneamento básico. Entretenimento, cultura e informação também fazem parte dessa lista de prioridades da população. Logo, a atração ajuda a preencher essa lacuna.

O programa constitui um espaço de aproximação entre elite e povo. Embora essa interação esteja ainda muito restrita a determinados locais, não devemos diminuir a contribuição e a influência da atração nesse cenário.

Ao trazer figuras da importância de Lula e Dilma nos episódios de estreia das temporadas, por exemplo, Regina promove a aproximação entre públicos demasiadamente distantes. O abraço que ela dá nos Presidentes é bastante simbólico da mudança em curso no Brasil.

Dessa forma, podemos dizer que a proposta do programa é bastante interessante, principalmente pelas mudanças que sugere. Logo, seria conveniente que se tivesse mais atrações como *Esquentar!*, que abrissem mais espaços para a casa (e a família) na TV.

Por fim, a partir das análises feitas, foi possível verificar que o programa está de acordo com as recorrências das produções do Núcleo Guel Arraes, atendendo às pretensões de qualidade da Rede Globo, tendo em vista que representa de forma mais positiva as pessoas e os valores da periferia. Além disso, pôde-se inferir que o uso das categorias *casa* e *rua* contribuem para o estabelecimento desse padrão qualitativo da emissora, e para o distanciamento entre povo e elite, tão arraigados no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRUZZESE, Alberto. **O esplendor da TV: origem e destino da linguagem audiovisual**. Studio Nobel: São Paulo, 2006. Estudos de Cinema Socine, Ano IX. Annablume: São Paulo, 2008, p. 359-366.

CHAUÍ, MARILENA. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____, MARILENA. **Cultura e democracia**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

FECHINE, Yvana. Núcleo Guel Arraes: formação, influências e contribuições para uma TV de qualidade no Brasil. In: FIGUERÔA, Alexandre; FECHINE, Yvana. **GuelArraes – um inventor no audiovisual brasileiro**. Recife: CEPE, 2008, p. 17-88.

MARTÍN-BARBEIRO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

ORTIZ, Renato. Modernidade e Cultura. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 223-228.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. **O Núcleo Guel Arraes e a consagração cultural da “periferia”**. 36º Encontro Anual da Anpocs. 2012. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8308&Itemid=76>. Acesso em 10 de nov. 2013.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUD, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro (2006). **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>> Acessado em 29.out.2013.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.